BOLETIM DA

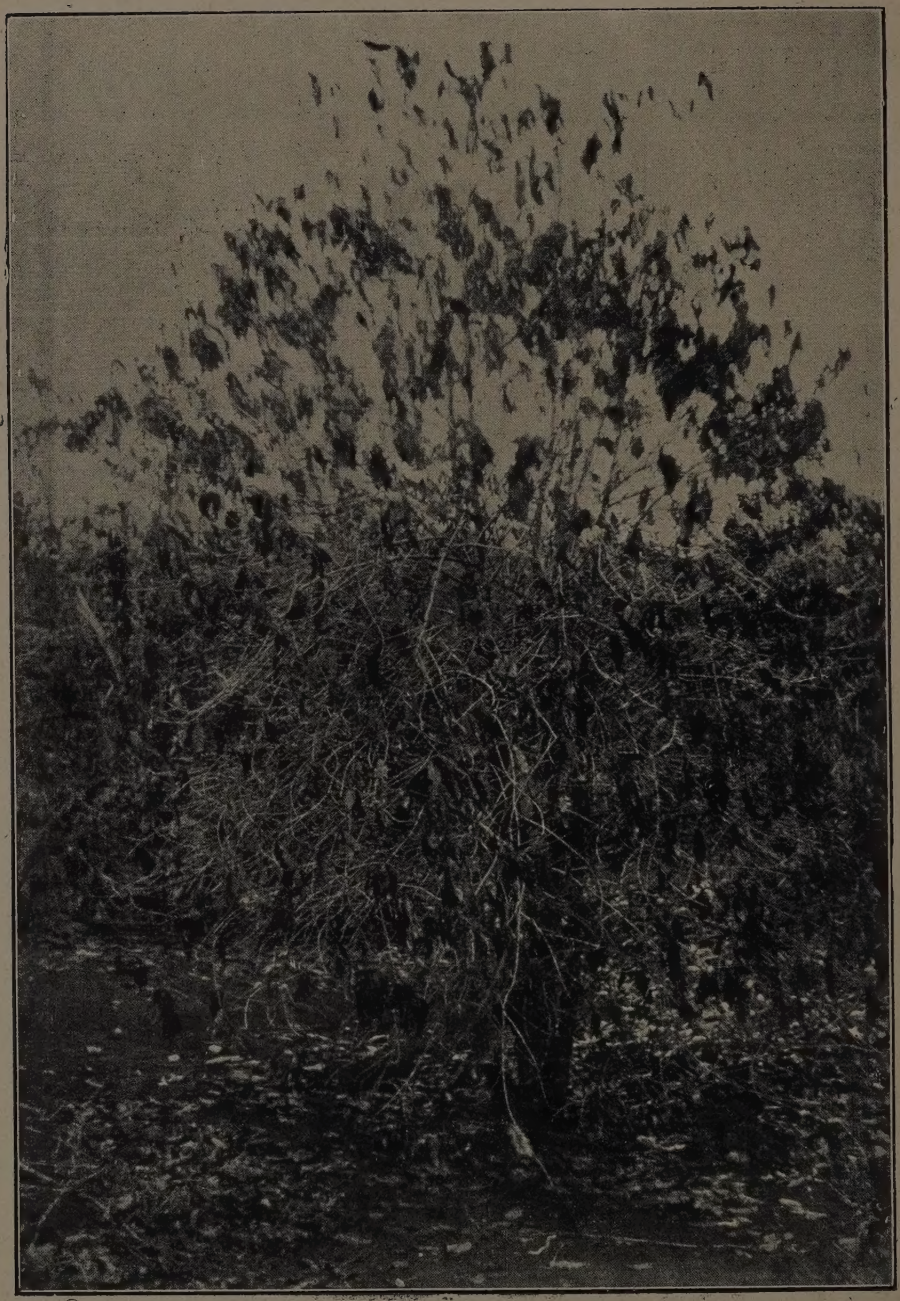
SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFE

SECRETARIA DA FAZENDA

SÃO PAULO • BRASIL

23 NOV 1956

ANO XXX • SETEMBRO DE 1955 • N.º 343



Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Rua 15 de novembro, 111 - 15.º and.

Ano XXX | SETEMBRO DE 1955 | Número 343

Sumário

COLABORAÇÃO:

Como estimular a produção de cafés finos ? — J. Testa

Métodos de plantio — H. J. Scaranari

Evolução da produção cafeeira no Brasil — Heitor Ferreira Lima

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Médias de produção em S. Paulo e Paraná — H. Antunes Filho

Rendimento do café mundo novo — H. Antunes Filho

Nova moléstia do cafeeiro na região de Garça: a mancha aureolada — A. S. Costa, C. M. Franco, D. M. Silva, W. Lazzarini e C. G. Fraga

Métodos racionais de colheita para a lavoura cafeeira — Edgar Fernandes Teixeira

Moléstias do café

Produção de nevoeiro artificial para proteger as plantações de café contra os efeitos das geadas

Racionalização do plantio do cafeeiro — Guido Cesar Rando

Café nacional — Alcides Carvalho

O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — agôsto)

ESTATÍSTICAS:

NOSSA CAPA

Têm sido combatidas com eficiência as pragas e moléstias do cafeeiro em S. Paulo, graças aos seus excelentes serviços técnico-científicos, principalmente dos Institutos Biológico e Adolfo Lutz.

No clichê, aspecto de pulverização de cafézais, pelo B. H. C., contra à "broca" (Stephanoderes Hampei Fers.), hoje perfeitamente controlada

CAFÉS FINOS

Lavador MOREIRA

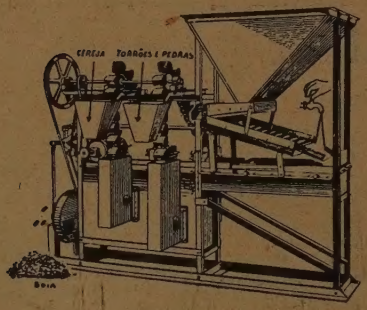
Com água de torneira

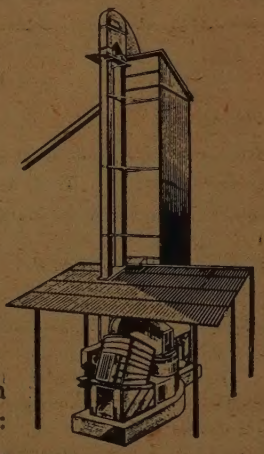
de ½ polegada, e consumo diminuto de água (5 litros para cada saco), o Lavador Moreira separa perfeitamente o **bóia**, o **cereja** e as pedras e torrões.

Secador MOREIRA

Constitue sua propria casa

O café, secado a ar quente, é despejado diretamente na tulha definitiva. Larvas e ovos de broca, são totalmente destruidos. Opera com apenas 1 homem.





- **Fôrça motriz:- 1 HP**
- **Pêso: 470 kg.**
- **Produção: 30 a 100 sacos por hora, conforme quantidades de cereja, pedra e torrões.**

Segue montado

Fabricamos tambem **SECADORES** para:

arroz, milho, feijão, alfafa, bagaço de cana, etc.

Consultem-nos sem compromisso.

Entregues prontos p/ funcionamento.

Fôrça motriz: 5 HP
Consumo de lenha: 1 m3 cada 10 horas

Capacidade: 300 alqueires em cada carga. (150 sacas de 100 litros)

Montagem gratuita

PEÇA-NOS MAIORES INFORMAÇÕES E UMA LISTA DOS POSSUIDORES DE PRODUTOS MOREIRA

Promotion

Máquinas Moreira S.A.

Rua da Mooca, 2100 - Fone: 9-1164 (14 ramais) - Caixa Postal, 5822 - End. Telegr. "SECADORES" - São Paulo

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CÂMBIO
COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS — COFRES
DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina
Aeroporto de Congonhas (Capital)
Amparo
Andradina
Araçatuba
Araraquara
Araras
Atibaia
Avaré
Barretos
Batatais
Baúru
Bebedouro
Botucatú
Biriguí
Bragança Paulista
Brás (Capital)
Caçapava
Campinas
Campos de Jordão
Casa Branca
Catanduva
Dracena
Franca
Gália
Guaratinguetá
Ibitinga
Itapetininga
Itapeva
Itú
Ituverava
Jaboticabal
Jaú
Jundiaí
Lençois Paulista
Limeira
Lins
Lucélia
Marília
Mirassol
Mogi-Mirim
Novo Horizonte
Olímpia
Ourinhos
Palmital
Penápolis
Pinhal
Piracicaba
Pirajuí
Pirassununga
Pompéia
Presidente Prudente
Presidente Venceslau
Quatá
Rancharia
Registro
Ribeirão Preto
Rio Claro
Santa Cruz do Rio Pardo
Santo Anastácio
Santos
S. Bernardo do Campo
São Carlos
São João da Bôa Vista
São Joaquim da Barra
São José do Rio Pardo
São José do Rio Preto
São Simão
Sorocaba
Tanabí
Taubaté
Tietê
Tupã

AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás
Goiania — "
Campo Grande — Mato Grosso
Natal — Rio Grande do Norte
Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Rio de Janeiro — Distrito Federal
Uberlândia — Minas Gerais

MATRIZ: Praça Antônio Prado, 6 — São Paulo — Caixa Postal, 789 — Endereço telegráfico: BANESPA

COMO ESTIMULAR A PRODUÇÃO DE CAFÉS FINOS?

J. TESTA

Ponto importante, sendo mesmo um dos fatôres capitais na conquista e conservação dos mercados e no poder de competição é, evidentemente, o da produção de cafés de alta classe ou pelo menos de boa qualidade, limpos e expurgados de defeitos, bem preparados, de bom sabor e perfume. Para que, todavia, o lavrador se interesse pelo assunto, mistér se torna, como é natural, que uma adequada compensação financeira lhe seja facultada em razão de seu maior esfôrço no preparo de um produto de qualidade. E que compensações lhe têm sido dadas com êsse objetivo? Não muitas, à exceção de algumas facilidades de embarque, nem sempre operantes. Às vêzes é mesmo nula a vantagem que pode obter o lavrador com a apresentação de um produto melhor preparado. De qualquer maneira, é patente serem pequenas essas vantagens, à vista da pequenissima porcentagem de cafés finos apresentados na imensa massa de nossa produção, tendo sido, num dos últimos anos, de 18.000 sacas numa produção de cêrca de 18.000.000!...

É capital êsse problema da produção de cafés finos. Dizer-se que há mercados para todos os tipos não soluciona a questão. Haverá realmente quem possa preferir um mau a um bom produto, pela fôrça do hábito. Mas essa própria fôrça pode ser encaminhada em sentido contrário e, de qualquer forma, um bom produto acaba se impondo. Haja vista ao fato de que os cafés centro-americanos sempre encontraram colocação segura e por melhor preço que os nossos. Quando houve sobras, sempre foram nossas, o que não pode ser explicado apenas pelo fator distância ou pelo efeito psicológico de sermos o maior produtor.

Acresce outro fato: não nos contentamos, no Brasil, com produzir cafés de bebida inferior, em sua maioria. Vamos além, pois permitimos, por efeito de uma legislação defeituosa, que, mediante o singular sistema dos *tipos*, sejam incluídos na mercadoria, fazendo parte do *café*, não sòmente os prêtos, verde e cascas, mas pedras e páus, numa porcentagem estabelecida e legal... É o mesmo que, numa saca de farinha de trigo, fôsse legalmente tolerada a existência de areia ou de terra. Pois bem: fazendo-se um cálculo do pêso dêsses detritos, que juntamente com o café enviamos para o exterior, chega-se à conclusão nada edificante de que exportamos mais de um milhão de sacas dêsse lixo, pagando frete nos navios e, mais, contribuindo para a superprodução.

Não bastariam, entretanto, sòmente penalidades ou proibições. Necessário se torna que uma campanha de estímulo seja também realizada junto aos produtores, por todos os meios aconselháveis: prêmios, rapidez nos embarques,

citações, financiamento, podendo mesmo ser estabelecido que maiores facilidades nesse sentido seriam outorgadas aos produtores dêsses tipos. O preço é, todavia, o maior fator de estímulo e os poderes públicos deveriam assegurar vantagens aos produtores, quando o mercado não as assegurasse. Por mais que sejamos favoráveis à livre iniciativa, tais interferências governamentais se nos afiguram indispensáveis.

—oOo—

Há muitas explicações para que se venha produzindo no Brasil, em sua quase totalidade, cafés baixos, ou, pelo menos, de qualidades secundárias. A principal delas é a extensão territorial do país, ensejando condições diversas (terras, clima, condição social etc.), de região a região. Seria explicável, pois, que produtos diversos fôssem produzidos e, se todos têm escoamento, lógico se torna supor que todos venham a ser produzidos. Segunda razão seria a rotina, a falta de conhecimentos novos ou mesmo a incapacidade, mental ou material, de os pôr em prática. E, finalmente, a falta de adequada compensação monetária para o produtor de cafés finos, pois nem sempre a diferença de ágio compensa o maior trabalho e despesas, e o menor rendimento do produto selecionado.

Para conseguir melhorar o nível de qualidade dos nossos cafés não basta, pois, tão sòmente uma campanha de publicidade, nem apelos ou estímulos morais ou patrióticos ao lavrador. O assunto é complexo e exige medidas várias e de amplitude, técnicas, disciplinares e estimuladoras.

Depende a produção de cafés finos principalmente dos cuidados da colheita, secagem e beneficiamento do produto. Mas, não é só. A própria escolha da variedade e do local de plantio, bem como os tratos culturais, também contribuem para aquêle desiderato.

A nosso ver, diversas medidas deveriam ser tomadas, em conjunto, com o objetivo de aumentar a produção de cafés finos, e dentre elas:

Assistência técnica preferencial aos produtores;
Financiamento, também preferencial, ao produtor e ao produto;
Maiores facilidades no transporte e escoamento;
Armazenagem preferencial, quando necessário;
Citações e prêmios aos lavradores;
Legislação apropriada que, por exemplo, imitasse as impurezas do café a 1% e proibisse, totalmente, a tolerância de impurezas para os tipos de 2 a 5;
Protecionismo cambial aos cafés de melhores tipos.

Esta última medida, que não é idéia nossa, mas do sr. Gerente da Superintendência dos Serviços do Café, acreditâmo-la capaz, só por si, de constituir um grande incentivo à produção de cafés finos. Consistiria em atribuir-se

um ágio cambial não uniforme, como no presente, ao café exportado, mas variável de acôrdo com a qualidade do café. Poder-se-ia atribuir, por exemplo, 24 cruzeiros por dolar ao café tipo 2 e apenas um terço, ou sejam 8 cruzeiros por dolar, ao tipo 8 (a recente portaria 131 estabelece 18,70). Os tipos intermediários, entre 2 e 8, teriam uma atribuição proporcional, e poderia o cálculo para essas bonificações ser feito de modo a que o montante total das mesmas fôsse o mesmo anteriormente previsto, com o que não seria onerado o orçamento cambial do govêrno, e receberia a lavoura o mesmo total, apenas com a diferença de que haveria um deslocamento no sentido de beneficiar mais os melhores cafés.

A adoção dessa prática traria, ademais, outra grande vantagem: dificultaria enormemente ou, talvez, impossibilitaria a fraude cambial, pois passaria a não haver mais vantagem no subfaturamento ou declaração de venda de tipos inferiores. E, de outra parte, não haveria também vantagem em declaração de tipos superiores, para obtenção de melhor bonificação, pois essa vantagem seria anulada pelo menor recebimento em dólares, do *outro lado*.

Acreditamos prática e exequível a medida e, divulgando a idéia, submetemo-la à apreciação dos interessados e da opinião pública, pois a produção de cafés finos é uma das três grandes realizações que devem e precisam ser alcançadas, em matéria de café.

Adubação exata? exija de seu fornecedor

FÓRMULAS COMPLETAS EQUILIBRADAS COM POTASSA

o elemento indispensável para o bom efeito do fósforo e do azôto.

POTABRASIL

Informações e folhetos técnicos gratuitos:

COMPANHIA BRASILEIRA DE POTASSA E ADUBOS

Pr. da República, 270 - C. Postal, 6082 - Tel. 34-1247 - S. Paulo

MÉTODOS DE PLANTIO*

H. J. Scaranari
Instituto Agronômico.

1. *Introdução* — O sucesso de uma lavoura de café depende de uma série de fatôres, tais como: escolha do terreno; sistema de alinhamento; distância de plantação; variedade; disposição das mudas na cova, etc. Aplicados em conjunto, garantirão uma produção racional.

2. *Métodos de plantio* — Os métodos de plantio podem ser classificados de acôrdo com o alinhamento e com o sistema de plantação.

2.1. *Alinhamento* — Os cafèzais podem ser formados em quadrado, em triângulo e em nível.

Os dois primeiros tipos de marcação, na grande maioria dos casos, são completamente contra-indicados, porquanto o sistema de conservação do solo em cafèzais assim alinhados impossibilitará a mecanização da lavoura. Êste fato tem grande importância, uma vez que o braço operário continuamente diminui, obrigando o lavrador ao uso de máquinas agrícolas.

Com o emprêgo de banqueta individuais, método indicado para zonas de declividade excessiva, o alinhamento poderá ser feito sem o emprêgo das curvas de nível.

A distribuição das plantas de acôrdo com as linhas de nível é o método mais indicado, pois que, além de outras vantagens, haverá a possibilidade de se mecanizar certos tratos da cultura.

Quando se fizer o alinhamento deve-se dividir o cafèzal em talhões, em número aproximado de 5.000 cada (50 x 100 plantas) para haver facilidade na distribuição do serviço, no estabelecimento de contratos, etc.

2.1.1. *Distâncias* — A distância de plantação vai depender da variedade, do modo por que o cafèzal vai ser plantado e das condições de fertilidade do terreno onde serão localizada a plantação. Se esta fôr feita em terreno onde haja a possibilidade do alinhamento em quadrado, o espaçamento poderá ser de 3 x 3m. em terras de mediana fertilidade. No caso de terras como as do Norte do Paraná, onde há um maior desenvolvimento dos cafeeiros, essa distância deverá ser aumentada; em numerosas medições feitas nas "saias" das plantações da região de Cornélio Procópio, verificamos que as plantas possuiam, em média, 1,40 m. de raio. Nestas condições, em regiões como aquela, o espaçamento deverá ser de 3,30 x 3,30 m. ou 3,50 m. no máximo.

Se o plantio fôr feito em nível, que é o método mais aconselhável, deve-se dar maior distância entre as fileiras do que entre as plantas nas fileiras. A maior distância é dada de maneira a permitir a passagem de um trator. De

---

* Aula proferida no I CURSO POST-GRADUADO DE CAFEICULTURA, realizado sob os aupícios do INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ, no INSTITO AGRONÔMICO DO ESTADO DE SÃO PAULO, em Campinas, em 21-5-54.

um modo geral, o espaçamento de 4 m. deixa espaço suficiente para a passagem de 1 trator de 1,20 m. de largura. Dentro das fileiras deve ser dada uma distância tal, que os cafeeiros, depois de formados, mal se toquem. Essa distância poderá ser de 2,5 m. para as condições de mediana fertilidade, em solos do Estado de São Paulo.

A variedade Caturra, em virtude do seu pequeno porte, deve ser plantada com um espaçamento mais reduzido. Em terra também de mediana fertilidade, as distâncias de 2,5 x 2,5 m. quando o plantio fôr feito em quadrado, ou 3,5 x 2,0 quando em nível, são as indicadas.

2.2. *Sistemas de plantação* — O sistema de plantação a ser indicado está subordinado ao estado da terra onde vai ser feita a cultura. Assim, temos dois casos a considerar: plantação em terra de derrubada recente e em terra já anteriormente cultivada.

2.2.1. *Plantação em terra de derrubada recente* — Usa-se a semeação direta na cova, por ser mais econômica e porque a riqueza do solo garante uma boa germinação das sementes e uma rápida formação dos cafeeiros.

As covas deverão ser abertas 40 x 40 x 30 cm. de dimensão. A proteção de suas paredes pelo baldrame é uma operação indispensável, cuja finalidade é a de impedir que caia terra no seu interior, o que reduziria consideràvelmente a porcentagem da germinação.

As sementes podem ser em côco e despolpadas. Um quilo de café em côco contém, em média, 2.000 frutos que dará para a semeação de 100 covas, colocando-se 20 delas em cada uma. Um quilo de sementes despolpadas, empregando-se a mesma quantidade por cova, dará para 300 covas aproximadamente, e apresenta a vantagem da formação de mudas isoladas.

A distribuição das sementes na cova tem grande influência na formação da planta. Devem ser dispostas em duas linhas de 10 sementes cada uma e cobertas com uma fina camada de terra de 1-2 cm. mais ou menos. A semeação é feita em nível inferior ao do solo, de maneira que as futuras mudinhas fiquem com espaço suficiente para que se desenvolvam no ambiente de sombra fornecida pela "arapuca" ou casinha. Essa profundidade poderá ser de 15 cm. aproximadamente.

Quando as plantinhas estiverem com 8 a 12 meses, ou seja, em geral, nas águas do ano seguinte ao da semeação, deve-se proceder ao desbate destas, o que consiste em suprimir as menos viçosas, escolhendo-se apenas 6 para permanecer na nova. Procura-se dar uma boa distribuição, isto é, que as mudas escolhidas sejam mais ou menos equidistantes.

2.2.2. *Plantação em terra anteriormente cultivada* — Em se tratando de plantação em terra velha, são necessários maiores cuidados, tais como o emprêgo de mudas produzidas em viveiros, uma boa distribuição destas na cova, farta adubação orgânica e vigilância constante. Se possível, o terreno deverá ter recebido uma adubação verde antes de se proceder ao coveamento.

Como se trata de terras já destocadas, haverá a possibilidade de abrirem-se as covas mecânicamente. O trator tipo Ford, Fergusson e outros, possuem implementos de perfuração, com um rendimento horário de 60 covas, o que torna mais econômica esta operação; há também a possibilidade de, no alinhamento em nível, passar-se um sulcador usado na cultura da cana. No sulco por êle aberto, são marcadas as covas, e, depois, completadas manualmente. Nêste caso, um homem abre mais de 100 covas por dia.

Quando esta operação é manual, as covas deverão ser abertas com 50 x 50 x 50 cm.

A adubação orgânica é indispensável. De uma maneira geral, as covas poderão ser adubados com:

Estêrco ou palha de café, composto, etc.:
15 quilos (quantidade mínima);
Farinha de ossos 300 gramas;
Clorêto de potássio 100 gramas.

No caso de se empregar o estêrco de galinhas, 2-3 quilos por cova é a quantidade mínima indicada.

As covas, preferìvelmente, deverão estar prontas com uma certa antecedência, para que recebam uma ou duas chuvas antes do plantio.

a) *Número de mudas por cova* — De acôrdo com os resultados derivados de três grandes ensaios conduzidos nas Estações Experimentais de Campinas, Ribeirão Preto e Pindorama, instalados, respectivamente, em 1932 e 1938 (1938 RP e P), aconselha-se o plantio de 3 a 4 mudas por cova, preferìvelmente 4, a fim de evitar a ocorrência, por falhas, de covas com apenas 2 mudas, de produção significativamente menor.

b) *Distância das mudas na cova* — Os resultados experimentais obtidos num ensaio de espaçamento das mudas na cova, indicam ser de grande valor a boa distribuição das mudas por ocasião do plantio. Nêste ensaio, instalado em 1949 na Estação Experimental Central do Instituto Agronômico, entraram em competição as distâncias de 10,20, 30 e 40 cm. entre as mudas e, na média dos 3 anos de colheitas feitas até o presente, verificamos que a produção aumentou proporcionalmente às distâncias empregadas. Assim, a colheita das plantas espaçadas de 20 cm. entre si, foi 11% mais elevada do que quando plantadas a 10 cm.; aquelas, dispostas a 30 cm., produziram 20% a mais, e quando espaçadas de 40 cm. o acréscimo de produção em relação também às de 10 cm. foi de 36%.

Distâncias maiores de 40 cm. entre as mudas não são indicadas, em virtude de encarecerem o plantio com a abertura de covas muito grandes e também porque, possìvelmente, cada uma das 4 plantas, no início, virá produzir muito, como se estivesse isolada, e sobrevirá então o seu esgotamento.

Mas, apenas a boa distribuição das mudas não é suficiente, havendo também necessidade do emprêgo, em cada cova, de 4 mudas com igual desenvolvimento. A não observância dêste cuidado trará como consequência a formação de um cafèzal em que haverá covas com uma ou, às vêzes, mais plantas com menor desenvolvimento que as demais.

c) *Profundidade de plantação* — A plantação deve ser feita ao nível do solo. Os resultados do ensaio de profundidade de plantio, instalado na Estação Experimental de Ribeirão Preto, do Instituto Agronômico, são completamente favoráveis ao plantio superficial, cujas plantas assim plantadas, até o presente (período 1950-1953), estão com a produção 33% mais elevada do que a daquelas que estão com o colo a 25 cm. abaixo do nível do solo.

Feita a plantação, há necessidade de uma vigilância constante, para a replantação, ainda no período das águas, das possíveis falhas nas covas, procurando-se sempre manter o número de 4 mudas por cova.

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO CAFEEIRA NO BRASIL

HEITOR FERREIRA LIMA

(*Continuação*)

SEGUNDO IMPÉRIO

A preponderância do café entre nós, que se esboçara fortemente no período do Primeiro Império e das Regências, consolida-se definitivamente durante o Segundo Império. Êsse fato decorreu por um lado, do consumo crescente dos mercados europeu e norte-americano, e por outro, da cada vez maior expansão que caracterizou a produção brasileira. E êsse acontecimento teve transcendental importância em nossa vida econômica, política e social, influindo não sòmente em nosso comércio externo e interno, como também em nossa paisagem geográfica, no aumento da riqueza pública e particular, na modificação dos costumes de determinadas regiões, etc... Provocou uma verdadeira transformação em todos os sentidos, com repercussões que até hoje se fazem sentir. Tôda a evolução sofrida pelo país desde então aos dias atuais, tem sua origem mediata ou imediata no café, tendo êle contribuído de um modo ou outro para isso. Mas também êsse fato determinou o tipo de nossa economia, imprimindo-lhe características próprias: grandes fazendas de exploração agrícola, monocultura, dependência do mercado internacional para colocação do produto, importação de artigos manufaturados, política econômica e fiscal dependendo de um produto de exportação, tudo, enfim, girando sòmente em tôrno do café. As demais produções ou atividades eram complementares ou auxiliares do produto-rei. Mesmo o progresso nacional em outros ramos, foi determinado pelas necessidades do café ou delas provinham, como estradas de ferro, imigração estrangeira, uso de maquinaria na agricultura etc.. Pode-se dizer que, de modo geral, nos tranformamos numa imensa plantação de cafèzais para servir ao mercado mundial, vivendo disso ùnicamente. O barômetro da vida nacional passou então a ser o café, variando nossa situação de acôrdo com as oscilações dos preços e das safras cafeeiras. Era uma repetição, *mutatis mutandis*, do que havíamos sido, no tempo colonial, com o açúcar.

Vejamos, no entanto, a carreira feita por êsse produto de tão grande importância para nós, durante o Segundo Império.

A pordução cafeeira por qüinqüênio, foi a seguinte, de 1840 a 1860:

Anos	*Sacas*
1841-1845	7 064 913
1846-1850	9 383 937
1851-1855	12 680 466
1856-1860	12 671 796

Daí por diante, as safras por ano assim se expressam:

Anos	*Sacas*
1861-1862	1 666 801
1862-1863	1 418 862
1863-1864	1 357 461
1864-1865	1 787 702
1865-1866	1 690 797
1866-1867	2 326 465
1867-1868	2 447 967
1868-1869	2 606 423
1869-1870	2 111 623
1870-1871	2 617 867
1873-1874	1 900 000
1874-1875	3 400 000
1875-1876	2 889 990
1876-1877	2 781 642
1878	2 500 000
1883-1884	4 800 000
1884-1885	4 274 783

As sacas de café, até a safra de 1874-75 pesavam 5 arrôbas, ou seja, 75 quilos cada uma; de então em diante, passaram para o pêso, ainda hoje vigorante, de 60 quilos. Isso talvez explique o aumento que se observa na safra daquele ano, em relação às anteriores. Outra observação a se fazer é que, nos dados dos dois últimos qüinqüênios, a média anual era superior a 2 500 000 sacas, baixado no qüinqüênio seguinte, quando começamos a especificar por anos, a menos de 2 milhões e por vêzes mesmo a menos de 1 milhão e meio. Tudo isso mostra como estas cifras devem ser tomadas em sentido muito relativo. Até hoje as nossas deficiências estatísticas são enormes e seriam maiores, sem dúvida, naqueles tempos. Afonso de E. Taunay, de onde tiramos os dados acima citados, comentando um trabalho de Sebastião Ferreira de Sousa, diz "que em todo os país havia a maior deficiência de informações e as principais personalidades parlamentares discutiam as maiores questões nacionais, debatendo-se num mar de probabilidades, sem poder firmar seus argumentos em base sólida, por falta de recursos estatísticos".

O autor da *História do Café no Brasil*, cuidadoso e escrupuloso nas citações, aponta-nos repetidas vêzes, nos volumes que escreveu sôbre a nossa famosa rubiácea, as contradições e disparidades de dados por êle encontradas. Para a produção nacional, utilizou como fonte, quase sempre, o retrospecto do *Jornal do Comércio*, desde que êstes anuários começaram a ser publicados. No entanto, o autor, ou autores do retrospecto baseavam os cálculos da produção nas exportações, o que demonstra serem portanto dados aproximativos os que mencionavam. Assim sendo, êstes algarismos devem ser tomados com tôdas as reservas daí decorrentes.

As províncias de maior produção cafeeira na época, foram as do Rio de Janeiro, que depois cedeu a primazia a São Paulo, vindo a seguir, Minas Gerais, e em menores proporções a Bahia, Santa Catarina e Ceará, sendo que as safras desta última se destinavam quase exclusivamente ao consumo interno.

Quanto à exportação, quer em quantidade, quer ao seu preço em mil réis e libras esterlinas, bem como quanto ao seu valor por saca em moeda nacional e libras esterlinas, e quer ainda quanto à sua porcentagem em relação à exportação total do país, vai expressa no quadro abaixo:

ANOS	Sacas de 60 quilos 1 000 sacas	VALOR		VALOR P/SACA		Porcentagem do café na exp. nac.
		Contos de réis	₤₤ 1 000 ouro	Em réis	Em ouro ₤₤	
1840/41	1 239	17 804	2 300	14$370	1,86	42,7
1841/42	1 363	18 296	2 311	13$420	1,69	46,8
1842/43	1 444	17 091	1 909	11$840	1,32	41,6
1843/44	1 541	17 982	1 933	11$670	1,25	41,0
1844/45	1 525	17 508	1 838	11$480	1,20	37,2
1845/46	1 723	21 307	2 259	12$366	1,31	39,7
1846/47	2 387	21 971	2 465	9$205	1,03	41,9
1847/48	2 340	25 159	2 936	10$752	1,25	43,4
1848/49	2 106	21 513	2 242	10$215	1,06	38,2
1849/50	1 453	22 838	2 462	15$718	1,69	41,5
DECÊNIO	*17 121*	*201 469*	*22 655*	*11$767*	*1,32*	*41,4*
1850/51	2 485	32 604	2 906	18$120	1,57	48,1
1851/52	2 337	32 954	3 997	14$100	1,71	49,5
1852/53	2 430	33 897	3 874	13$950	1,59	46,0
1853/54	2 130	35 445	4 207	16$640	1,97	46,1
1854/55	3 190	48 491	5 581	15$201	1,75	53,5
1855/56	2 853	48 013	5 512	16$830	1,93	50,8
1856/57	3 189	54 107	6 211	16$967	1,94	47,2
1857/58	2 380	43 503	4 824	18$280	2,02	45,2
1858/59	2 735	50 138	5 340	18$332	1,95	47,0
1859/60	2 524	60 238	6 289	23$866	2,49	53,3
DECÊNIO	*26 253*	*439 390*	*48 741*	*16$737*	*1,89*	*48,8*
1860/61	3 571	79 664	8 564	22$310	2,39	64,7
1861/62	2 420	58 747	6 257	24$276	2,58	48,7
1862/63	2 136	56 575	6 201	26$486	2,90	46,2
1863/64	2 004	54 131	6 144	27$012	3,00	41,3
1864/65	2 645	64 134	7 151	24$247	2,70	45,4
1865/66	2 436	61 203	6 377	25$125	2,61	38,9
1866/67	3 157	69 743	7 044	22$092	2,23	44,6
1867/68	3 561	83 611	7 818	23$480	2,19	45,1
1868/69	3 802	90 518	6 409	23$808	1,68	44,6
1869/70	3 115	77 026	6 039	24$728	1,93	39,1
DECÊNIO	*28 847*	*695 352*	*68 004*	*24$105*	*2,36*	*45,5*

ANOS	Sacas de 60 quilos 1 000 sacas	VALOR		VALOR P/SACA		Porcentagem do café na exp. nac.
		Contos de réis	£ 1 000 ouro	Em ouro	Em réis £	
1870/71	3 827	84 504	7 766	22$081	2,03	50,3
1871/72	4 060	71 646	7 172	17$647	1,76	37,6
1872/73	3 497	115 285	12 013	32$967	3,43	53.6
1873/74	2 774	110 173	11 976	39$716	4,31	58,1
1874/75	3 853	125 812	13 512	32$653	3,50	60,3
1875/76	3 407	118 286	13 414	34$718	3,39	64,4
1876/77	3 553	111 707	11 752	31$440	3,90	57,1
1877/78	3 843	110 447	11 299	28$740	2,34	59,3
1878/79	4 904	134 029	12 813	27$331	2,61	65,7
1879/80	2 618	126 260	11 237	48$220	4,29	56,8
DECÊNIO	*36 336*	*1 108 149*	*112 954*	*30$497*	*3,11*	*56,6*
1880/81	3 660	126 134	11 604	34$463	3,17	54,6
1881/82	4 081	104 753	9 553	25$669	2,34	49,9
1882/83	6 687	122 643	10 817	18$341	1,81	62,2
1883/84	5 316	130 083	11 681	24$470	2,19	59,9
1884/85	6 238	152 434	13 140	24$436	2,10	67.4
1885/86	5 436	124 792	9 671	22$957	1,77	64,0
1886/87	6 075	186 925	14 543	30$770	4,10	59,4
1887	1 694	74 411	6 958	34$926	3,15	50,0
1888	3 444	103 205	10 857	29$967	3,39	66,5
1889	5 586	172 258	18 983	30$888	3,49	67,7
1890	5 109	189 894	17 850	37$168	3,26	64,7
DECÊNIO	*53 326*	*1 487 532*	*135 657*	*27$895*	*2,54*	*61,5*

O quadro acima, tirado da *Pequena História do Café no Brasil*, de Afonso E. de Taunay, reproduz nossa exportação cafeeira por decênios, o que facilita a análise dos dados. Assim observamos que nas cinco décadas em aprêço, o aumento do volume foi enorme, passando de mais de 17 milhões de sacas no primeiro decênio, para mais de 53 milhões de sacas no último, ou seja, mais do triplo em 50 anos. O valor em moeda nacional passou de 20 mil contos de réis para mais de 1 milhão de contos, ou seja, quase 5 vêzes mais. O valor em libras-ouro passou de 22 milhões de libras esterlinas para 135 milhões de libras, ou seja, 3 vêzes mais. O valor médio da saca em moeda nacional aumentou de 11 para 27 mil réis, ou seja, 2 vêzes e meia, aproximadamente; em libras-ouro passou de 1,32 para 2,54, ou seja, apenas 2 vêzes mais. Aqui, naturalmente, atuou a desvalorização cambial, pois da cotação média cambial de 31, em 1840, passou para 267/16 em 1889. Quanto à porcentagem do café na exportação nacional, elevou-se de 41,4% na década de 1840-50, para 61,5% na década de 1880-90, passando dêsse modo a representar dois terços mais ou menos de nosso comércio de exportação. Essa preponderância do café em nosso comércio de exportação, deu-se, por um lado, devido ao seu crescimento natural e específico no volume da participação mas também foi devido à diminuição dos outros produtos de nossas vendas ao estrangeiro. Assim, a participação do

açúcar, que era de 28,5% em 1840-41, baixou para 6,2% em 1890: a do algodão, que era de 9,4%, baixou para 2,4%, durante o mesmo período; a de couros desceu para 3,6%. Os produtos que aumentaram sua participação em nosso comércio exterior, foram fumo, que de 1,6% subiu para 2,1%; borracha, que de 0,50% subiu para 9,7%, e mate que, de 0,7% passou para 1,5%. O cacau permaneceu estacionário com 0,9% nos dois períodos extremos indicados. Como se vê, porém, os aumentos verificados são insignificantes, resultando daí que a preponderância do café em nosso comércio externo se deve ao seu crescimento específico.

Quanto à participação do Brasil dentro da produção mundial do café, podemos ter idéia pelo quadro abaixo, transcrito da obra de Afonso E. Taunay (15).

EXERCÍCIOS	*Brasil*	*Produção mundial*	*Porcentagem brasileira*
1852/53	2 423 640	4 567 000	53%
1853/54	2 128 026	4 287 000	48%
1854/55	3 185 776	5 218 000	60%
1855/56	2 849 570	5 301 000	53%
1856/57	3 188 045	5 585 000	59%
1857/58	2 375 691	4 871 000	49%
1858/59	2 724 268	5 267 000	51%
1859/60	2 509 306	5 070 000	49%
1860/61	3 570 471	6 265 000	57%
1861/62	2 418 825	3 227 000	46%
1862/63	2 133 881	4 928 000	43%
1863/64	2 563 000	4 852 000	41%
1864/65	2 645 211	5 567 000	43%
1865/66	2 441 395	5 651 000	43%
1866/67	3 193 009	6 322 000	55%
1867/68	3 560 782	6 879 000	51%
1868/69	3 800 684	6 520 000	38%
1869/70	3 113 970	7 052 000	44%
1870/71	3 763 908	7 221 000	52%
1871/72	2 282 938	6 016 000	37%
1872/73	3 496 210	7 501 000	46%
1873/74	2 773 091	6 411 000	43%
1874/75	3 852 470	8 036 000	47%
1875/76	3 406 236	7 599 000	44%
1876/77	3 552 301	7 805 000	45%
1877/78	3 458 360	7 333 000	47%
1878/79	4 902 815	9 184 000	54%
1880/81	3 659 483	9 829 000	37%
1881/82	4 081 467	9 658 000	42%
1882/83	6 094 688	10 287 000	58%
1883/84	5 117 367	9 231 000	55%
1884/85	6 500 000	10 445 000	57%
1885/86	5 586 000	9 565 000	61%
1886/87	6 161 000	10 310 000	59%
1887/88	3 330 000	6 896 000	48%
1888/89	6 506 000	10 701 000	60%
1889/90	4 622 000	8 692 000	51%

Verifica-se pelos dados acima, que em duas únicas safras, as de 1870-71 e 1880-81, a porcentagem brasileira foi inferior a 40%, chegando a 37%, enquan-

to nos demais anos foi mesmo superior a 40 e 45%, alcançando, por vêzes até 60%, durante os 37 anos em aprêço. A média geral, durante êste período, pode ser estimada em 45 a 50% da produção brasileira em relação ao total mundial. E isto apesar da produção mundial ter ido num crescendo contínuo, que abrangeu de 4 567 000 em 1852-53, a 10 701 000 em 188-89.

Os países que exportavam café para o mercado mundial localizavam-se na América, África, Ásia e Oceânia. Entretanto, mesmo tomando a exportação dêstes países por grupos continentais, a nossa preponderância se evidencia diante dêles, o que demonstra termos sido desde aquêle tempo os maiores produtores

No que diz respeito ao destino de nossas exportações de café, dirigiram-se elas para os Estados Unidos da América do Norte, Europa, Canadá, e países da América do Sul, havendo preponderância absoluta dos Estados Unidos. Conquanto não tenhamos cifras para todo o período em estudo, as que mencionamos abaixo, referentes a uma década, demonstram isso. Eis as nossas exportações de café para os Estados Unidos, de 1873 a 1883 e as respectivas porcentagens em relação ao total exportado pelo país.

ANOS	*EXPORTAÇÃO* — *Sacas de 60 quilos*	*Porcentagem*
1873	1 379 411	
1874	1 502 825	49%
1875	1 897 191	39%
1876	1 296 110	55%
1877	1 637 633	36%
1878	1 653 582	47%
1879	2 242 488	33%
1880	1 827 038	61%
1881	2 160 481	44%
1882	2 450 759	35%
1883	2 223 039	47%

Estas porcentagens como se vê são bem maiores das que eram nos anos anteriores isto é no período do Primeiro Império e das Regências quando haviam atingido um máximo de 28%.

Por outro lado o consumo do café crescia de ano para ano como atestam os dados seguintes:

Ano	*Toneladas*
1878	142 372
1879	179 241
1880	185 297
1883	215 000
1884	235 000
1885	260 000
1886	290 000
1887	325 000

O resultado dessa enorme expansão cafeeira que estamos assinalando é que regiões inteiras de várias províncias cobriram-se de suas plantações. Assim, comarcas e municípios inteiros (alguns surgindo e se desenvolvendo ao seu influxo) do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo cobriram-se de fazendas. Só no setor ocidental do vale do rio Paraíba na província do Rio de Janeiro em 1860 havia cêrca de 600 fazendas além de um número infinito de outras áreas menores cultivadas. O mesmo se dava em Minas Gerais e no norte de São Paulo desde Bananal e Moji das Cruzes. E nessas fazendas sòmente se cuidava do café. Havia fazendeiros como o comendador Joaquim José de Sousa Breves que em 1860 em suas várias fazendas colheu 205 000 arrôbas o que representava mais de 1,1/2% da colheita de todo o país. Em 1888 sua colheita oscilava entre 250 000 e 300 000 arrôbas. O número de seus escravos era de quatro mil segundo uns, chegando a 6 000 segundo outros. Outros fazendeiros do Rio de Janeiro e mais tarde de São Paulo se não atingiam as culminâncias de J. J. de Sousa Breves assemelhavam-se a êle plantando e produzindo enormes quantidades de café e possuindo mais de uma fazenda.

As províncias produtoras de café eram as que consignavam maiores receitas e estas cresciam na proporção direta do desenvolvimento da cultura cafeeira. Em 1840 estas eram as cinco províncias de receitas mais avultadas:

Província	*Receita em mil réis*
Rio de Janeiro	885:100$000
Bahia	868:042$000
Pernambuco	714:346$000
Minas Gerais	444:027$000
São Paulo	290:843$000

Em 1889 as receitas destas mesmas províncias eram as seguintes:

Província	*Receita em mil réis*
Rio de Janeiro	4 399:250$000
São Paulo	4 089:318$000
Pernambuco	3 577:870$000
Minas Gerais	3 474:000$000
Bahia	3 345:101$000

Nos cinqüenta anos decorridos o aumento foi prodigioso pois não tendo nenhuma delas atingido à casa de milhar de contos em 1840 atingiram quatro e três milhares de contos em 1889. Observe-se ainda que em 1840 a Bahia e Pernambuco ocupavam os segundo e terceiro lugares entre as nossas províncias de maiores receitas enquanto em 1889 São Paulo que antes ocupava o quinto lugar desloca-se para o segundo e a Bahia passa do segundo para o quinto.

Com êste crescente enriquecimento da província de São Paulo que se refletia no aumento das arrecadações, seu principal pôrto marítimo começou tam-

bém a adquirir importância cada vez maior ampliando seu movimento geral. Assim dum total de exportações no valor de 14 744 contos de réis em 1870-1871 passou para 31 208 contos de réis em 1879-80 ou seja do dôbro em dez anos. A exportação de café da província durante êste mesmo período foi a seguinte:

Anos	*Quilos*
1869-70	50 133 765
1870-71	34 059 133
1871-72	39 678 705
1872-73	50 491 515
1873-74	62 173 385
1874-75	65 746 029
1875-76	60 896 641
1876-77	53 353 010
1877-78	78 449 807
1878-79	91 430 814
1879-80	82 248 767

A fim de se aquilatar melhor porém da importância do café na economia da província de São Paulo vejamos êstes dados referentes ao valor da exportação cafeeira dentro do cômputo da exportação total:

1852	4 404
1853	2 209
1854	4 418
1855	3 532
1856	5 006
1857	4 211
1858	1 993
1859	963
Soma	27 441

O presidente da província da Bahia em seu relatório de 1876 tratava do problema da escassez de braços na lavoura que a saída dos escravos para o sul estava provocando. A fim de impedir êsse êxodo foram criados impostos mas mesmo assim continuava a emigração de negros sendo feita clandestinamente. Segundo êsse documento a Bahia de 1853 a 1861 havia exportado 12 730 escravos para os cafèzais do sul e de 1862 a 1870 mais 4 121. Em 1872 a saída de escravos fôra de 453 e em 1873 de 547. Em 1877 sabe-se que saíram da Bahia 1 318 escravos destinados sobretudo aos cafèzais do Rio de Janeiro e São Paulo não se conhecendo as cifras dos que saíram clandestinamente.

O preço de um escravo moço robusto de acôrdo com Afonso de E. Taunay entre os anos de 1852 e 1859 oscilava de 1:000$000 a 2:000$000 o que quer dizer que tomando-se como preço médio de 1:500$000 cada escravo importado pelo sul entre aquêles anos cuja soma fôra de 27 441 conforme indicamos acima representavam um valor de 41 161:500$000. Se acrescentarmos as somas correspondentes à importação de escravos nos anos posteriores poderemos avaliar as quantias enormes despendidas com êsse tráfico interno e o seu custo para o erário da província importadora. Não admira por isso que as hipotecas venais

do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul em 1859 atingissem 35 795$000.

O fato preponderante contudo da emigração de escravos do Norte para o Sul foi como já assinalaram, a decadência da produção açucareira. Mas ao lado disso era o custo elevado do escravo outro fator não menos importante. Assim segundo Roberto Simonsen (6) um escravo valia na época cêrca de um conto de réis em média e o custeio era de 150$000 anuais incluindo-se juros e amortização do capital empatado enquanto um trabalhador livre vencia pouco mais de cem mil réis por ano. Nessas condições o trabalhador livre saía muito mais barato para os agricultores do Norte do que o escravo. Sòmente o Sul precisava angustiosamente de braços e graças à prosperidade que lhe proporcionava o café podia pagar êstes altos preços do custo de mão-de-obra.

Foi ainda essa escassez de mão-de-obra nas crescentes fazendas de café que ensejou outro aspecto interessante de nossa história econômica: a imigração de braços livres, isto é, a vinda de colonos europeus.

Deixando-se de parte o período de D. João VI quando na prática teve início a imigração de trabalhadores europeus para o Brasil e que somaram um total de 2 000 aproximadamente se sabe que entre 1820 e 1830 entraram no país 9 105 imigrantes sendo 1 628 suíços e 1 984 alemães catalogando-se os restantes na categoria de diversos. No decênio seguinte de 1831 a 1840 o total de imigrantes entrados baixou muito alcançando apenas 2 932 dos quais 270 alemães, 180 italianos, 461 portugueses e os restantes 2 021 incluídos na categoria de diversos. As causas dessa considerável diminuição da imigração devem-se por um lado ao período turbulento por que passou o nosso país com várias lutas intestinas e por outro à prosperidade dos Estados Unidos da América do Norte atraindo a maior parte da gente que se deslocava da Europa para o Novo Mundo.

ANOS	*Valor da exportação do café (em contos de réis)*	*Valor da exportação total (em contos de réis)*
1882/83	34 114	34 788
1883/84	46 140	47 089
1884/85	47 103	48 235
1885/86	35 719	36 621
1886/87	74 112	76 128

Na província do Rio de Janeiro a porcentagem das vendas provenientes da produção cafeeira na formação geral da receita era a seguinte nestes anos:

1873-63%
1874-64%
1875-59%
1876-55%
1877-66%

Esta considerável expansão da lavoura cafeeira nas regiões das províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo exigiu um número cada vez maior de trabalhadores não sòmente para abrir novas fazendas como igualmente para manter as que estavam em produção. E como todo o trabalho principalmente dos campos naquela época residia no braço escravo isso tornou necessária maior quantidade de escravos. Entretanto quando a produção de café atingiu seu grande impulso entre nós é aprovada em 1850 a famosa lei Eusébio de Queirós que proibia o tráfico de africanos estancando assim de chôfre a grande fonte fornecedora de mão-de-obra para nossa lavoura. Nessas condições não houve outro remédio senão recorrer à imigração interna, importando os negros necessários do Norte. Êsse deslocamento da mão-de-obra indispensável coincidiu com a decadência da produção açucareira naquela parte do país facilitando dêsse modo a vinda de escravos dos engenhos de açúcar do Norte para as fazendas do café do Sul.

Eis a importação de escravos da África no último decênio da sua proibição:

Anos	*Números de escravos importados*
1840	30 000
1841	16 000
1842	17 435
1843	19 095
1844	22 849
1845	19 463
1846	50 324
1847	56 172
1848	60 000
1849	54 000
1850	23 000

Como se vê o derradeiro qüinqüênio foi o de maior proporção no tráfico negreiro acelerando-se o nefando comércio em vista da proximidade da aprovação da lei da sua suspensão. Em 1851, isto é, quando já se encontrava em vigor a medida probicionista ainda se importaram 3 287 negros escravos naturalmente de modo clandestino.

Entre 1840 e 1846, o movimento imigratório foi igualmente pequeno, somando um total de 2 295, sendo 566 alemães, 223 franceses, 10 espanhóis, 207 portugueses, 17 suíços e os restantes 1 272 diversas nacionalidades. De 1847 a 1849, entraram no país 2 418 imigrantes europeus, sendo 5 italianos, 76 suíços, 78 portugueses e 465 diversos. A partir de 1850 até 1889, o total de imigrantes entrados em cada ano vai no quadro abaixo, tendo ao lado a quantidade que coube a São Paulo:

ANOS	*Total de emigrantes para o Brasil*	*Total de emigrantes para. São Paulo*
1850	2 072	5
1851	4 425	53
1852	2 731	976
1853	10 935	535
1854	9 189	732
1855	11 798	2 125
1856	14 008	926
1857	14 244	509
1858	18 529	329
1859	20 114	120
1860	13 774	108
1861	13 003	218
1862	14 295	185
1863	7 642	10
1864	9 578	—
1865	6 452	1
1866	7 699	144
1867	10 902	789
1868	11 315	109
1869	11 527	117
1870	5 188	159
1871	12 431	83
1872	19 219	323
1873	14 742	590
1874	30 332	120
1875	14 590	3 289
1876	30 747	1 303
1877	29 468	2 832
1878	24 456	2 058
1879	22 788	973
1880	30 355	613
1881	11 548	2 705
1882	29 589	2 743
1883	34 015	4 912
1884	24 890	4 879
1885	35 440	6 500
1886	33 486	9 536
1887	55 965	32 112
1888	133 253	92 086
1889	65 246	27 893

Pelos dados acima, verificamos que, a partir de 1852, houve uma intensificação da imigração, tendo seus pontos mais altos em 1859 e 1860, quando atingiram, respectivamente, mais de 18 a 20 mil pessoas entradas. No quatriênio compreendido entre 1863 e 1866, registrou-se certo declínio, cujo ponto mais baixo foi em 1865, quando vieram apenas 6 500 imigrantes. A partir, porém, de 1867, com a única exceção de 1879, o volume de imigrantes entrados foi num crescendo contínuo, alcançando seu nível mais elevado em 1888, com mais de 133 mil pessoas. Quanto à participação de São Paulo, verificamos que até 1875 a porcentagem era bem pequena, em relação ao total geral. Naquele ano, en-

tretanto, subiu bastante atingindo mais de 20% baixando depois novamente para 5% em 1876, para 10% em 1877, até chegar a 2% apenas em 1880. Dêsse ano em diante, porém, o crescimento seria rápido e constante, até atingir 57% em 1887 e 69% em 1888.

Como é geralmente sabido, o grande pioneiro na obra de trazer imigrantes europeus para trabalhar nas fazendas paulistas, foi o senador Vergueiro, que chegou a ter 942 dessas pessoas em suas colônias de Ibicaba e cêrca de 160 em Angélica, no município de Rio Claro. Depois dêstes ensaios do ilustre regente do Império, outros grandes fazendeiros paulistas imitaram-no, trazendo colonos europeus para suas propriedades agrícolas. Assim é que, entre 1847 e 1874 cêrca de 50 fazendeiros paulistas de café estabeleceram mais de 5 000 colonos em suas fazendas. Entre êstes, além do senador Vergueiro, contavam-se o barão de Sousa Queirós, o comendador Sousa Ramos, Francisco Soares de Araújo, o barão do Pôrto Feliz e muitos outros.

De tal modo a idéia da imigração de trabalhadores livres da Europa ganhou raízes, que, em 17 de novembro de 1883, um grupo de brasileiros natos e adotivos fundou, no Rio de Janeiro, a Sociedade Central de Imigração, com o objetivo de fomentar a imigração européia para o Brasil. Seu manifesto foi subscrito por figuras de projeção nacional, como os viscondes de Beaurepaire Rohan e Taunay, os barões de Irapuá, Tefé e Tautphoeus, e outros, a êles se associando logo cientistas, sociólogos e jornalistas como André Rebouças, Ferreira Araújo, Nicolau Moreira, João Clapp, etc. etc.

A repercussão dessa iniciativa foi imensa em todo o país. Logo a seguir por isso, em 7 de fevereiro de 1884, São Paulo seguiu o exemplo, fundando a Sociedade de Imigração de São Paulo, contando com perto de 300 membros ao começar, congregando em seu selo nomes prestigiosos, como o presidente da província, general Couto de Magalhães, e mais os conselheiros Antônio Prado e Paula Sousa, Martinho Prado Júnior, os irmãos Sousa Queirós, Rafael de Barros, Caio Prado, Martim Francisco, conde do Pinhal, Cerqueira César e numerosos outros. A sociedade logo se ramificou, criando-se congêneres em Santos, Sorocaba, São Paulo, etc.

Êste entusiasmo pela imigração européia livre, ganhando terreno e adeptos até mesmo entre as principais figuras responsáveis pela administração da província e entre os fazendeiros de café, não decorria apenas do sentimento filantrópico de horror ao cativeiro, mas tinha sua base na superioridade demonstrada pelo trabalho dos colonos sôbre o dos escravos. Assim, escreve o bem informado historiador do nosso café (17): "Já os fazendeiros dos últimos anos de existência do trabalho servil reconheciam que os cafèzais, tratados por colonos, rendiam mais do que quando entregues a escravos". E mais adiante: "Era voz geral, entre os lavradores de São Paulo, que em lotes de colonos não se viam os grãos a secar nas árvores ou derriçados no chão, aí se alterando semanas e meses inteiros. A apanha era não sòmente mais bem feita quanto mais rápida. As cerejas não apareciam tão misturadas de fôlhas, seixinhos e galhinhos quebrados. Havia também menos açodamento em depenar os ramos dos cafeeiros o que tanto prejudicava as árvores. Os colonos movidos pelo interêsse em vez de correrem a mão ao longo dos galhos derrubando as cerejas por grupos, colhiam uma por uma. Outra opinião já coerente nas lavouras paulistas: os cafés de colonos se prestavam muito melhor ao despolpamento. E isto se com-

provara ùltimamente quando o visconde de Indaiatuba instalara, na sua colônia do Saltinho, um despolpador para beneficiar o café de trinta famílias de colonos. Verificava-se em São Paulo, eloqüentemente a enorme soma de vantagens decorrentes da substituição do escravo por um operário mais inteligente e mais senhor de si. Esta simples troca de indivíduos procedera à correção de quase todos os efeitos exprobrados à antiga cultura cafeeira''.

Acrescentam-se a êstes, outros fatôres, decorrentes do sistema de trabalho de escravidão. Assim, nas fazendas, sòmente metade mais ou menos dos escravos se dedicava à lavoura. A outra metade era ocupada nos trabalhos domésticos das fazendas, como administradores, capatazes, etc., e nas atividades artesianas. Também o cultivo de mantimentos absorvia boa parte de mão-de-obra escrava. E quando isso não se dava obrigava os fazendeiros a grandes dispêndios em dinheiro para aquisição dos genêros.

Tudo isso fazia com que fôsse altíssimo o preço de custo do café produzido pelo escravo.

Foram êstes fatôres, superioridade da mão-de-obra livre e desvantagens das condições do sistema escravagista, acrescidos dos interêsses da burguesia urbana (comerciantes, manufatureiros e artesãos) em ampliar o mercado interno, através de um maior número de gente manuseando dinheiro em suas transações cotidianas e movimentando o comércio que criaram o ambiente propício para a Abolição. E quando esta chegou, em 1888, com o histórico 13 de Maio, não afetou o conjunto da produção nacional, pois a exportação de café não diminuiu, mas prejudicou alguns fazendeiros que baseavam ainda todo o seu trabalho na exportação da mão-de-obra servil. Isso sobretudo aconteceu na província do Rio de Janeiro, cuja colheita, de 3 908 080 sacas de café de 60 quilos, em 1883, passou para 1 309 271 sacas em 1889. Um comentarista dêstes assuntos, citados por Afonso de E. Taunay, tratando dêstes fatos, assim se refere a êles: ''Enquanto São Paulo, apercebendo-se da gravidade da situação, procurava achar solução para o problema que o espírito abolicionista pôs em foco indo buscar na colonização estrangeira, braços para a reorganização de um serviço que a extinção da escravidão viria fatalmente perturbar, os estadistas fluminenses, empolgados por lamentável espírito de reação, sob o influxo de interêsses respeitáveis talvez, mas, sem dúvida, injustificáveis perante a civilização e a humanidade, de outra coisa não cogitaram, salvo honrosas exceções, senão de opor tenaz resistência à onda que, avassalando, de dia para dia, os espíritos, acabou por submergí-los''.

Outro problema que a questão servil suscitou, foi a da introdução de maquinaria na produção cafeeira. Com a escassez crescendo de braços escravos, seus preços cada vez mais elevados e o custo de sua manutenção sempre maiores, acrescidos das necessidades de melhora e aumento da produção, surgiu de modo imperativo o problema da introdução de maquinaria na lavoura e preparo do café. Vimos antes que os instrumentos agrícolas usados eram enxadas, foices, machados e monjolos. Agora, porém, com o desenvolvimento da técnica e a necessidade de produção mais aperfeiçoada e de mais baixo custo, impunha-se apelar para as máquinas, que em todo o mundo e em todos os ramos de atividades estavam revolucionando a economia.

No amanho da terra, a modificação introduzida foi pequena, se bem que importante. Constou do emprêgo do arado na cultura do solo. Êsse fato foi

registrado como acontecimento auspicioso pelo ministro da Fazenda, em seu relatório de 1874. É que em muitos municípios paulistas, principalmente Limeira e Campinas, bem como em alguns das província do Rio de Janeiro, já se estava fazendo uso do arado nas lavouras de café. Isso, além de lustre, dava superioridade a tais municípios. "Assim êstes primeiros tentames se generalizem!" — augurava o ministro.

Transformação mais significativa, no entanto, verificou-se no beneficiamento do produto. As primeiras formas de beneficiar o café eram o pilão manual e a peneira. Depois foi utilizado o monjolo e mais tarde o "bocardo", ou máquina de pilões, isto é, várias mãos de pilão funcionando ao mesmo tempo. O trabalho da peneira foi substituido pelo ventilador mecânico. Conquanto isso já representasse apreciável índice de produtividade, por poupar muita fôrça humana, oferecia bastantes inconvenientes, como as das baterias de pilões, que faziam perder boa parte de fôrça motriz consumida pelos atritos. Várias pessoas dedicaram-se então ao invento de uma máquina que corrigisse tais defeitos. Numerosas foram as invenções de aparelhos destinados a êsse fim, mas nenhuma delas foi adotada, por não oferecerem tôdas as qualidades desejadas. Após a guerra do Paraguai, por volta de 1870-72, começaram a entrar em uso máquinas que satisfaziam plenamente, generalizando-se o emprêgo de ventiladores, despolpadores e aparelhos para burnir e separar o café. Depois de 1880 difundiu-se o uso de máquinas de beneficiamento do café, encontrando-se numerosas delas, de origem européia e norte-americana, em funcionamento em algumas províncias, principalmente em São Paulo, a cujo produto, na Europa, se dava o nome de "café de máquina". Só a cidade de Campinas, em 1886, possuía 33 máquinas Lidgerwood e 26 de tipo Conrado, sendo que, daquelas 11 eram movidas a vapor e 22 por fôrça hidráulica, a destas, 3 a vapor e 23 pela água. Os irmãos Bierrenbach, ainda em Campinas, fabricavam máquinas de descascadores, ventiladores e separadores, de cinco tamanhos diferentes, limpando de 40 a 300 arrôbas de café e levadores transportando, por hora, 100 arrôbas de café em côco ou já limpo. Esta "revolução" das máquinas no preparo do produto, operou profunda transformação, pois não só dispensara o número elevado de escolhedoras, como também dava ao produto mais igualdade e muito melhor aspecto.

Dêsse modo, uma grande e significativa transformação operou-se no sistema da produção cafeeira no Brasil. Ao lado do uso da maquinaria, intensificou o trabalho do imigrante livre e deu-se também uma divisão maior do trabalho na fazenda, havendo maquinistas, mecânicos, pedreiros, pintores, oleiros, etc. Com funções especiais e diversificadas, o que não acontecia antes, quando tudo repousava no trabalho escravo, provindo tudo das mãos e atividades dos negros.

Mas a cultura do café, embora circunscrita a certas regiões do país, determinadas pelas suas necessidades de terreno apropriado, clima, etc., foi uma "lavoura itinerante", como disse Pedro Calmon, e teve também o seu "roteiro", conforme assinalou Sérgio Milliet, deslocando-se, com o correr dos anos, em busca do *habitat* "propício" à sua expansão. Já referimos que, tendo começado nos arredores do atual Distrito Federal, foi ganhando terreno pelas províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e norte de São Paulo. Nesta última província, sofreu igualmente outro deslocamento, passando do norte para o oeste. Assim,

em 1836, as zonas norte e central produziam respectivamente, 86,50 e 11,93% da produção do total de café da província, cabendo à Mojiana 0,14%, à Paulista 1,43% e nada à Araraquarense e Alta Sorocabana. Em 1854, as zonas do norte produzem 77,46 e 13,91%, sendo as da Mojiana e Paulista 2,31% e 6,32%, respectivamente. Em 1886, as zonas norte e central abrangem 19,99% e 29,00% respectivamente, subindo a Mojiana para 21,81%, a Paulista para 23,69%, a Araraquarense para 4,05% e a Alta Sorocabana para 1,46. Em conjunto vemos que a posição do norte e central passou, dentro do total da província, de 98,43%, em 1836, para 87,37%, em 1854, atingindo a 48,99% em 1886, ou seja uma redução de 50%, aproximadamente, nos cinqüenta anos em aprêço. Estudando êsse fato, observa Sérgio Milliet "a de que o avanço se processou em obediência a duas determinantes dos trópicos abaixo das quais o clima não o favorecia e demandar as principais: evitar a linha das grandes florestas de terra virgem e milenária (18).

Alcançando o oeste paulista, o café encontra as famosas "terras roxas", cuja fertilidade lhe proporcionou novo impulso. Por isso, segundo ainda Sérgio Milliet, de pouco mais de 590 000 arrôbas, em 1836, a produção paulista de café passa a 3 534 256 arrôbas em 1854, tingindo 10 374 350 arrôbas em 1886.

Paralelamente a êste surto prodigioso da cultura cafeeira de São Paulo, processou-se a decadência dos cafèzais do Rio de Janeiro. Já mostramos que sua produção de 4 133 466 sacas em 1880, baixou para 3 908 080, em 1883, atingindo apenas 1 309 271 sacas, em 1889. A causa principal dessa queda da lavoura fluminense reside na erosão de suas terras montanhosas e maus tratos da gleba. Isso foi a razão de não se terem fixado colonos europeus na província do Rio de Janeiro. Tratando dêsse assunto, escreve, Afonso de E. Taunay: "Era certo que, impressionados com esta situação, alguns governos fluminenses fizeram tentativas para fornecer braços à lavoura, fomentando a imigração. Mas os colonos trazidos, encontrando lavouras decadentes pelos maus tratos e terras já bastante esgotadas por anteriores culturas, não vendo garantias para os lucros ambicionados, nem a possibilidade de se tornarem proprietários dos lotes em que teriam de trabalhar, abandonaram em sua maior parte o estado, indo para São Paulo em geral e Minas Gerais, atraídos por convites de parentes e amigos, que lhes acenavam com sedutoras vantagens ou por promessas de aliciadores procedentes dêsses estados". Concluindo com estas palavras: "Os antigos e belos cafèzais das margens do Paraíba, cujo esplendor inspirou mais de um artista, em sua maior parte desapareceram, transformando-se em vastas pastagens, com sacrifício das rendas e da riqueza pública". (19). Outra razão de decadência da agricultura fluminense, vamos encontrar na "desorganização do trabalho", ou seja, na Abolição. Conforme já mencionamos anteriormente, tôda a produção cafeeira do Rio de Janeiro repousava quase exclusivamente no braço escravo. Daí que a Abolição repercutisse profundamente nela, de modo direto. Essa questão foi assim explicada por Sílvio Ferreira Rangel, citado por Taunay: "Parte da Abolição o declínio da lavoura cafeeira no Rio de Janeiro, ainda que os altos preços do café, nos primeiros anos do regime republicano, no célebre período do "encilhamento", especialmente, lhe tenham dado uma aparência de alento. O certo é que, dos ex-escravos, os mais aptos foram atraídos pelas cidades, especialmente pela "Côrte", depois Capital Federal, onde as construções e outros trabalhos, que se intensificaram naquele período, os atraíam. Os que

ficaram nas lavouras, tornaram-se colonos, parceiros, etc., mas seu trabalho, em geral, ficou muito aquém do que dêles se poderia esperar, porque aos novos cidadãos faltavam as aptidões do trabalhador livre e autônomo, que o cativeiro atrofiara, para deixar explodirem as más paixões, os piores vícios, como o alcoolismo, a vadiagem e o latrocínio" (20).

Mais uma prova da superioridade da cultura cafeeira paulista sôbre a fluminense, podemos encontrar cotejando o embarque do produto pelos portos brasileiros e o de Santos. Eis um quadro demonstrativo dessa afirmação:

ANOS	Pôrto de Santos (arrôbas)	Portos fluminenses (arrôbas)
1850/51	463 040	1 355 643
1851/52	405 225	1 247 938
1852/53	373 912	1 030 642
1853/54	508 160	1 249 339
1854/55	820 584	1 562 477
1855/56	779 796	1 300 927
1856/57	731 124	1 356 246
1857/58	762 124	924 773
1858/59	903 108	1 232 454
1859/60	1 450 912	1 015 770
1860/61	1 261 800	1 344 135
1861/62	1 343 196	1 150 692
1862/63	1 361 876	793 534
1863/64	1 040 584	721 158
1864/65	1 637 700	1 202 309
1865/66	1 427 748	1 054 603
1866/67	1 142 684	1 120 159
1867/68	1 872 416	1 193 863
1868/69	2 316 072	1 387 249
1869/70	2 187 216	1 251 252
1870/71	1 942 280	1 303 803
1871/72	1 740 340	889 543
1872/73	2 117 440	1 283 509

Vemos, pelos dados acima mencionados, que até 1854, a vantagem dos portos fluminenses sôbre Santos era enorme. Mas, de então em diante, o movimento do pôrto paulista foi crescendo, igualando-o no exercício de 1859-1860, de 1861-1862 para frente, a superioridade conquistada por Santos manifesta claramente e se mantém de modo contínuo, chegando a algarismos impressionantes em 1872 e 1873, com uma vantagem de mais da metade.

É verdade que neste fato deve-se computar também a decadência das lavouras cafeeiras do norte de São Paulo, cujos embarques se faziam em sua maior parte pelos portos fluminenses. Mas é inegável, todavia, que o progresso do pôrto de Santos é fruto exclusivo do impulso cafeeiro paulista sobretudo do surto adquirido na região oeste da então província de São Paulo.

Outro acontecimento ainda de grande expressão econômica e social, decorrente da produção cafeeira entre nós, foi a criação e desenvolvimento das estradas de ferro, notadamente em São Paulo. Foi por isso que Afonso de E. Taunay escreveu: "Caberia ao café a glória de trazer ao Brasil as suas primeiras ferrovias".

É sabido que a primeira estrada de ferro que existiu entre nós, foi o pequeno trecho de quatorze e meio quilômetros, inaugurados por Mauá em 1854, saindo do Rio de Janeiro e indo parar na raiz da serra de Petrópolis. A esta estrada logo se uniu a rodovia União e Indústria, levando-o até Juiz de Fora, em Minas Gerais. Esta junção da rodovia com a ferrovia, servindo a uma zona em franca prosperidade, deu magnífico impulso à produção cafeeira de tôda a redondeza.

Outra estrada de ferro que deu grande impulso à lavoura cafeeira, foi a D. Pedro II, hoje Central do Brasil. Seu primeiro trecho, entre o Rio de Janeiro e Belém, foi aberto ao público em novembro de 1856. Em agôsto de 1864, esta estrada vencia a serra, chegando os seus comboios a Barra do Piraí, encontrando à direita e à esquerda — observa Taunay — a grade suave das margens do Paraíba, apinhadas de cafèzais.

Em São Paulo, a primeira estrada de ferro posta a trafegar foi a São Paulo Railway, em 1866, cobrindo o trecho São Paulo-Santos, que serviu, desde então, para transportar tôda a produção cafeeira do interior para o pôrto de embarque de Santos. Em 1872, a Companhia Paulista de Estrada de Ferro estabelecia o tráfego definitivo entre Jundiaí e Campinas. Em 1870 organizava-se a Companhia Sorocabana, para se avaliar as vantagens que as ferrovias proporcionaram à produção cafeeira, basta dizer que a São Paulo Railway transportou 222 732 sacas de café em 1867, passando para 404 605 sacas em 1872, ou seja, quase o dôbro em seis anos apenas.

Do total de 736 quilômetros de ferrovia existentes no país, em 1869, 478 quilômetros pertenciam às estradas de café. Quanto ao volume de tráfego, das 20 183 057 arrôbas transportadas pelas nossas estradas de ferro naquele mesmo ano, 16 219 866 arrôbas pertenciam às estradas de café. Ao proclamar-se a República, em 1889, sòmente São Paulo já possuía mais de 1 239 quilômetros de estradas de ferro, sem contar o ramal que vai para o Rio de Janeiro, entroncando-se com a D. Pedro II em Cachoeira. Na província do Rio de Janeiro, entre 1860 e 1884, trafegavam ferrovias num total de 812 quilômetros. Em Minas Gerais, a extensão ferroviária atingia 723 quilômetros (12).

Com êste novo meio de transporte, constituído pelas ferrovias, não sòmente se aumentou a rapidez e o volume de carga em trânsito entre os centros de produção e consumo, como também se aliviou a produção de um ônus que já começava a pesar significativamente. Por outro lado, com a construção das ferrovias,, foram vencidos os obstáculos naturais, das serras que separavam os planaltos paulista e mineiro das costas marítimas, pontos de convergência da produção cafeeira para seu escoadouro. Com isso, o pôrto de Santos, tomou um impulso inusitado e a exportação de café pelo Rio de Janeiro ultrapassou 2 milhões de sacas.

O resultado dêsse surto ferroviário foi o novo impulso adquirido pela produção de café, sobretudo na nova zona do este paulista, onde terras e climas apropriados propiciaram grande desenvolvimento dessa cultura.

Todos êstes fatôres que acabamos de apontar, decorrentes da elevação da produção cafeeira entre nós, tiveram profundos e sensíveis repercussões na paisagem econômica, política e social do país, modificando-as de modo particular.

Assim, assistimos, em primeiro lugar, à transformação do nosso principal artigo de produção e exportação do açúcar, para o café dando preponderância a um produto que até a época da Independência não tinha expressão alguma. Com isso, o eixo econômico que antes era constituído pelo Nordeste, principalmente Pernambuco e Bahia, desloca-se para o Sul, vindo para o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Também devido a isso, o centro político desce para o Sul, passando, as preocupações com o café a ter preponderância sôbre os demais, e a desempenhar papel de relêvo na administração dos negócios públicos estadistas do Sûl, do Rio de Janeiro no comêço e depois de São Paulo e Minas Gerais.

Em segundo lugar, o comércio exterior do Brasil toma um impulso rápido e ascendente. Do total de 114 197 contos de réis, em 1849-50, passa para 225 986 contos na década seguinte, de 1859-60, indo para 365-400 contos em 1869-70, alcançando 395 997 em 1879-80, atingindo 479 895 contos em 1880-90 seja quatro vêzes mais durante as quatro décadas em aprêço. Só o movimento exportador, durante os mesmos decênios, passou de 55 032 contos para 112 958 contos, para 197 100 contos, para 222 352 contos e para 259 095 contos (23). E como já salientamos anteriormente, o café desempenhou papel primordial em nossas vendas ao exterior. Como conseqüência dessa prodigiosa expansão das exportações, nossa balança comercial, a partir de 1861-62, com a única exceção do exercício financeiro de 1885-86 começou a apresentar saldos positivos nos negócios entre nosso país e as demais nações do comércio internacional.

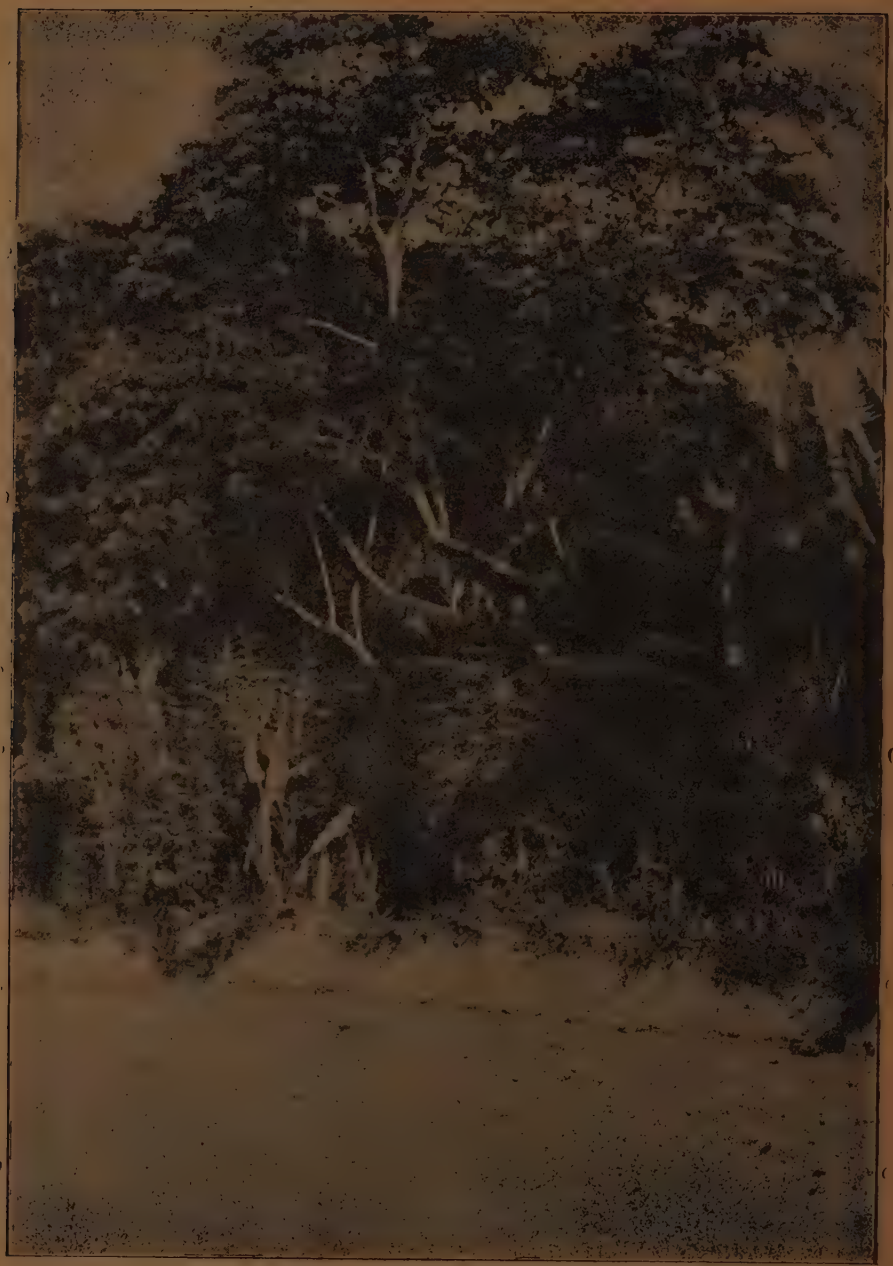
Em terceiro lugar surgiu uma nova aristocracia rural, a dos fazendeiros de café, em substituição à dos antigos senhores de engenho, que antes predominavam como potentados e donos das grandes fortunas do país. As fazendas de café, principalmente do Rio de Janeiro e do norte paulista, passaram a ostentar o fausto da nossa aristocracia rural, com sua numerosa escravaria, dando festas suntuosas apresentando o luxo e o requinte da época. Havia fazendas com mais de 1 000 habitantes, com igrejas e capelão próprio, escolas, pomares, hortaliças e jardins. As porcelanas, móveis, cristais, tapeçarias, etc. vinham da Europa. As festas que davam duravam dias, custando dezenas de contos de réis, o que representava muito dinheiro para a época. Êstes fazendeiros mantinham ainda na cidade, no Rio de Janeiro, enormes e luxuosos palácios residenciais, alguns dêles de grande beleza e bom gôsto, tranformando-se em centros de brilhantes recepções políticas e mundanas do tempo, reunindo diplomatas, parlamentares, escritores, jornalistas, pintores e outros elementos representativos e de relêvo social. Tratando disso escreveu, um autor citado por Taunay: "Foi de fato interessante essa época de fastígio fluminense, em que os grandes proprietários rurais entravam numa louca competição de despesas, cada qual procurando fazer realçar mais o esplendor de sua casa, levando a vida como nababo, quer em suas vastas e luxuosas casas de fazenda, quer em seus elegantes palacetes da Côrte, onde as carruagens mais belas, onde os mobiliários mais ricos e os mais custosos objetos de arte serviam de ambiente para uma vida aprimorada, digna dos grandes fidalgos europeus"

Na paisagem social, o trabalho escravo é gradativo, mas ràpidamente, substituído pela mão-de-obra livre, até desaparecer completamente. Os grandes centros urbanos crescem e o comércio em geral se desenvolve em ritmo acelerado, surgindo cidades no interior que tomam impulso, com as transações e a intensificação do comércio. Por outro lado, regiões até então prósperas, como no interior do Rio de Janeiro e norte de São Paulo, iniciam seu declínio, para se transformarem mais tarde em "cidades mortas", na expressão de um dos nossos escritores.

Um conjunto de fatôres novos, como o alargamento do nosso comércio interno, aceleração dos negócios, criação de grandes centros urbanos, enriquecimento do país, saldos no comércio exterior, a vinda, entre os imigrantes, de muitos artífices e artesãos europeus, juntamente com criação de potentes centrais hidroelétricas, etc., propiciaram as condições necessárias para início e desenvolvimento da industrialização do Brasil.

Tais são, em síntese, a repercussão do desenvolvimento da cultura cafeeira no campo econômico social e político, e seus efeitos mais imediatos, sôbre nosso arcabouço de produção.

(1) — Roberto Simonsen: *Aspectos da História Econômica do Café.*
(2) — Afonso de E. Taunay: — *História do Café no Brasil,* vol. III.
(3) — Afonso de E. Taunay: — *História do Café no Brasil,* vol. III.
(4) — Paulo R. Pestana: — *O Café em São Paulo.*
(5) — Afonso de E. Taunay — *História do Café no Brasil,* vol. IV.
(6) — Daniel P. Kidder — *Reminiscência de viagens e permanência no Brasil.*
(7) — Afonso de E. Taunay — *História do Café no Brasil,* vol. IV.
(8) — Roberto Simonsen — *Aspectos da História do Café.*
(9) — Afonso de E. Taunay — *História do Café no Brasil,* vol. IV.
(10) — Afonso de E. Taunay — ob. cit.
(11) — Afonso de E. Taunay — *História do Café no Brasil,* vol. IV.
(12) — Pedro Calmon — *História Social do Brasil* — tomo 2.º.
(13) — Pedro Calmon — ob. cit.
(14) — Afonso de E. Taunay — *História do Café no Brasil,* vol. IV.
(15) — Afonso de E. Taunay — *História do Café no Brasil,* vol. VI.
(17) — Afonso de E. Taunay — *História do Café no Brasil,* vol. VIII.
(18) — Sérgio Milliet: — *Roteiro do café e outros ensaios.*
(19) — Afonso de E. Taunay — *História do Café no Brasil,* vol. VII.
(20) — Idem, ibidem.
(21) — Ob. cit., vol. IV.
(22) — Roberto Simonsen: *Aspectos da História Econômica do Café.*
(23) — Dados tirados do *Anuário Estatístico do Brasil,* ano V, 1939-40, apêndice. Quadros demonstrativos.



Resumos e Transcrições

MÉDIAS DE PRODUÇÃO EM S. PAULO E PARANÁ

H. ANTUNES FILHO

Nas regiões cafeeiras dos Estados de São Paulo e Paraná, existem, entre outras, duas maneiras de se indicar a produção média dos cafèzais, ambas tradicionais e consagradas pelo uso durante muitos anos. Uma dessas maneiras consiste em dar a produção em "sacos de café em côco por mil pés" e a outra em "arrôbas de café beneficiado por mil pés".

Os dois modos de indicar a produção têm graves defeitos, como é do conhecimento geral, sendo lamentável não haver maior interêsse em substituí-los por expressões mais corretas e mais explícitas. Maior clareza traria a adoção do sistema métrico, expressando-se a produção em "quilos de café beneficiado por hectare", dispensando-se, quando possível, o emprêgo das antigas medidas de pêso, volume e superfície. Enquanto não pudermos ou não soubermos abandonar essas velhas medidas, podemos, quando muito, organizar tabelas e empregar fórmulas que nos dêem a correspondência entre o sistema métrico e os métodos populares de indicar a produção.

Se quisermos transformar sacos ou arrôbas por mil pés em quilos de café beneficiado por hectare, deparamos inicialmente com a necessidade de considerar o espaçamento do cafèzal, tal como se vê no exemplo seguinte, que serve ainda para demonstrar como podem ser ilusórias as medidas geralmente empregadas na prática.

Suponhamos que dois cafèzais estejam produzindo 200 sacos de café em côco por mil pés, e que uma dessas lavouras esteja plantada no espaçamento de 4 x 4 metros, enquanto a outra está a 4 x 2 metros. No primeiro caso, mil cafeeiros ocupam a superfície de 16 mil metros quadrados, ao passo que na lavoura de espaçamento menor a área ocupada por mil plantas é de apenas 8 mil metros quadrados. A partir desses dados, uma regra de três nos dá a produção em sacos por hectare. Teriamos assim 250 sacos por hectare para a plantação mais fechada e 125 para a lavoura de maior espaçamento. Transformando-se agora essas quantidades em quilos de café beneficiado, acha-se por fim a produção expressa em quilos por hectare. Admitindo que um saco de café em côco dê 20 quilos de café, quando fôr beneficiado, verifica-se que 250 sacos de café por hectare significam uma produção de 5.000 quilos de café beneficiado por hectare, e que 125 sacos correspondem a 2.500 quilos por hectare. Nas condições dêste exemplo, portanto, é apenas aparente a igualdade das médias de produção dos dois cafèzais.

Como se vê, a passagem do sistema comum para o métrico exige que se leve em conta, ao mesmo tempo, duas quantidades variáveis, isto é, o espaçamento dos cafèzais e o rendimento de um saco de café em côco na máquina de benefício.

Para efetuar essas transformações de modo mais rápido, é suficiente empregar as fórmulas abaixo:

$$X = \frac{BS}{RL}\ 10 \qquad Y = \frac{N}{RL}\ 150$$

Nessas fórmulas, substituem-se as letras pelos seguintes valores:

X: produção em quilos de café beneficiado por hectare, que se deseja calcular.

Y: idem

B: número de quilos de café beneficiado obtidos pelo benefício de um saco de 40 kg de café em côco.

S: produção em sacos de café em côco por mil pés, que se quer transformar em quilos por hectare.

R: distância, em metros, entre as ruas do cafèzal.

L: distância, em metros, entre as plantas de uma rua do cafèzal.

N: produção em arrôbas por mil pés, que se quer transformar em quilos por hectare.

Com o auxílio dessas fórmulas podemos, por exemplo, calcular em quilos por hectare a produção de um cafèzal que se apresenta a média de 90 sacos por mil pés, sendo de 3,5x3,5 metros o espaçamento e de 20 kg por saco de 40 kg o rendimento no benefício do café em côco. Teremos, pois,

$$X = \frac{90 \times 20}{3{,}5 \times 3{,}5}\ 10 = 1469 \text{ kg/ha}$$

Quando a produção por mil pés fôr dada em arrôbas, pode ser empregada a segunda fórmula. Para transformar em quilos por hectare a média de 70 arrôbas por mil pés, por exemplo, de um cafèzal plantado no espaçamento de 3,5 x 3,5 metros, sendo de 20 kg por saco de 40 kg o rendimento no benefício, tem-se:

$$Y = \frac{70}{3{,}5 \times 3{,}5}\ 150 = 857 \text{ kg/ha}$$

Devemos reconhecer que ainda são raras as oportunidades de efetuar essas transformações. E' mais comum a necessidade de converter "sacos por mil pés" em "arrôbas por mil pés", quando se comparam lavouras, de igual espaçamento, livres de falhas, levando em conta o rendimento, no benefício, do café em côco. Para êsse fim, foi organizada a tabela que apresentamos, e em cujo rodapé se encontram as explicações necessárias ao seu emprego.

Tabela para conversão de médias de produção de cafèzais, de "sacos de café em côco por mil pés" para "arrôbas de café beneficiado por mil pés", admitindo igualdade de espaçamento, ausência de falhas, e levando em conta o rendimento variável no benefício do café em côco

Produção em sacos de café em côco por mil pés (sacos de 40 kg)	*Produção em arrôbas de café beneficiado por mil pés, para rendimentos, no benefício, de 17 a 23 kg de café beneficiado por saco de café em côco*						
	17	*18*	*19*	*20*	*21*	*22*	*23*
10	11	12	13	13	14	15	15
20	23	24	25	27	28	29	31
30	34	36	38	40	42	44	46
40	45	48	51	53	56	59	61
50	57	60	63	67	70	73	77
60	68	72	76	80	84	88	92
70	79	84	89	93	98	103	107
80	91	96	101	107	112	117	123
90	102	108	114	120	126	132	138
100	113	120	127	133	140	147	153
110	125	132	139	147	154	161	169
120	136	144	152	160	168	176	184
130	147	156	165	173	182	191	199
140	159	168	177	187	196	205	214
150	170	180	190	200	210	220	230
160	181	192	203	213	224	235	245
170	193	204	215	227	238	249	261
180	204	216	228	240	252	264	276
190	215	228	241	253	266	279	291
200	227	240	253	267	280	293	307
210	238	252	266	280	294	308	322
220	249	264	279	293	308	323	337
230	261	276	291	307	322	337	353
240	272	288	304	320	336	352	368
250	283	300	317	333	350	367	383

Como usar a tabela de conversão: Para saber a quantas "arrôbas de café beneficiado por mil pés" correspondente a uma produção de 100 "sacos por mil pés", para o rendimento de 20 kg de café beneficiado por saco de café em côco, a) procurar, na primeira coluna, a linha correspondente ao número 100; b) nessa linha, na coluna encabeçada pelo número 20 (rendimento), procurar o número de arrôbas por mil pés, que é de 133, neste exemplo. Ainda para 100 sacos por mil pés, porém, com rendimento de 18 kg por saco de café em côco, a produção correspondente será de 120 arrobas por mil pés.

(De "O Estado de S. Paulo")

RENDIMENTO DO CAFE' MUNDO NOVO

H. Antunes Filho

Um saco de café em côco pesando 40 kg., produz, ao ser beneficiado, cêrca de 20 kg. de café. A essa relação entre peso de frutos secos e de café beneficiado dá-se o nome de rendimento, ou "renda", como parece ser mais usual em certos lugares. É costume ainda indicar o rendimento de um saco de café em côco mencionando-se apenas a quantidade de café beneficiado que for obtida. Assim, quando se fala em rendimento de 20 ou 21 kg., quer-se dizer que êsse foi o peso de café beneficiado produzido por um saco de café em côco.

O rendimento é variável, como se sabe, dependendo de vários fatores, como por exemplo o gráu de umidade presente na massa de frutos secos a que se dá o nome de café em côco. Café mal seco, apresentando mais água, terá menor número de frutos por quilo ou por litro do que outro contendo menos umidade. O clima é outro fator que faz variar o rendimento. Em certos anos, um cafèzal pode fornecer frutos que, depois de secos, dão café beneficiado na produção normal, para, no ano seguinte, apresentar relações inferiores no benefício. Em 1955, os períodos anormais de estiagem ocorridos durante a época de formação da semente determinaram, em várias regiões, porcentagens anormais de frutos com sementes mal formadas, provocando assim uma redução na quantidade de café beneficiado obtida por saco de 40 kg de café em côco. É provável que essa influência da seca se repita de maneira até mais acentuada em 1956.

Outras causas existem, além dessas. Nos anos de produção elevada é geralmente baixa a proporção de frutos que só trazem uma semente ("moca"), ao passo que na contra-safra, quando a produção do cafèzal é mais reduzida, ocorre maior porcentagem de sementes do tipo "moca", o que pode contribuir para prejudicar o rendimento.

Dentre os vários fatores que afetam o rendimento, porém, nenhum tem influência tão decisiva como a presença das chamadas "sementes chochas". Conforme o café em côco apresente maior ou menor quantidade de frutos parcial ou totalmente vazios, pior ou melhor será o rendimento na máquina de benefício. Usando café em côco proveniente de frutos maduros que flutuaram quando postos em água, em virtude de apresentarem uma ou duas sementes chochas, determinou-se, em Campinas, que um saco de 40 kg desse tipo de café em côco daria no benefício apenas 12 kg de café beneficiado, ao invés dos 20 que são normalmente obtidos.

Todo cafeicultor que ainda cogite de plantar café "Mundo Novo" não selecionado deve precaver-se contra essa influência prejudicial das sementes chochas, que chega a ser comparavel às "quebras" que se verificavam no beneficiamento de amostras demasiadamente infestadas pela broca.

Assim como foi possível combater a broca, está hoje ao alcance dos cafeicultores fugir ao dissabor de plantar café "Mundo Novo" não selecionado para depois ter a desagradável surpresa de ver a enorme quantidade de sementes chochas como causa principal do rendimento pouco satisfatório no benefício do café em côco.

No café "Mundo Novo" não selecionado existe uma porcentagem muito alta de plantas que sistematicamente produzem cêrca de 25 por cento de sementes chochas, seja nos anos de safra ou de contrassafra, seja nos anos bons ou nos anos anormais. Com tal porcentagem de sementes chochas é perfeitamente compreensivel a redução que se observa no rendimento do café que é produzido por essas plantas. Cafeeiros produtores de muitos frutos chochos não se diferenciam dos outros nos demais caracteres morfológicos, encontrando-se na mesma cova os dois tipos de plantas. Nos cafèzais não selecionados da variedade "Mundo Novo" a proporção de plantas com anormal quantidade de sementes chochas é de cerca de 40 por cento, variando, porém, entre amplos limites. Não admira, pois, que tais lavouras dêem café de baixo rendimento, cerca de 17 ou 18 kg por saco de 40 kg de frutos secos, enquanto outras variedades, mesmo quando não selecionadas, dão rendimentos de 20 ou 21 quilos.

Em 1950 o Instituto Agronômico de Campinas teve a sua atenção chamada para essa anomalia do café "Mundo Novo", limitando-se nesse mesmo ano a distribuição de sementes às plantas "Mundo Novo" isentas do defeito. O resultado dessa seleção foi a eliminação quase completa do excesso de lojas vazias, que baixou para níveis iguais aos que se encontram nas demais variedades de café, restando apenas uma quantidade mínima de sementes chochas, de origem fisiológica, encontrada em qualquer cafeeiro.

É fácil perceber o alcence dessa medida. Suponhamos que duas propriedades tenham plantado, no mesmo ano, 50 mil pés de café "Mundo Novo" cada uma, sendo que numa delas a semente proveio de plantas não selecionadas, e que na outra foram empregadas sementes de cafeeiros selecionados. Admitindo-se que tanto o café selecionado como o não selecionado tenham igual capacidade de produção, o que é duvidoso, em virtude de a seleção se basear também na produtividade das plantas, e não apenas na ausência de sementes chochas, pode-se imaginar para cada uma daquelas plantações uma safra de 100 sacas de café em côco por mil pés, num determinado ano.

A primeira lavoura, formada com plantas não selecionadas, dará grande quantidade de sementes chochas, e um rendimento de 18 kg de café beneficiado por saco de 40 kg, tal como de fato se verifica nos cafèzais dessa natureza. Na segunda fazenda, porém, o rendimento será normal, de 20 kg por saca.

Haverá, portanto, uma diferença entre as produções de café beneficiado em uma e na outra fazenda. Enquanto a primeira produziu 120 arrobas de café beneficiado por mil pés, a segunda produziu 133 arrobas. Em 50 mil pés, essa diferença aparentemente pequena equivale a 10.000 kg de café beneficiado, produzidos a mais pela lavoura isenta de sementes chochas em demasia, e proporcionados pelo emprego de sementes selecionadas. Ao preço de Cr$ 2.000,00 por saca de 60 quilos, isto representa um lucro de Cr$ .... 333.000,00, que a primeira fazenda deixou de obter por não empregar sementes selecionadas de café "Mundo Novo".

(Do "O Estado de São Paulo")

Nova moléstia do cafeeiro na região de Garça: a mancha aureolada

A. S. Costa, C. M. Franco, D. M. Silva, W. Lazzarini e C. G. Fraga
(Técnicos do Instituto Agronômico de Campinas, das seções Virologia, Fisiologia, Café e Estatística)

Um surto epifitótico de nova moléstia do cafeeiro vem sendo observado em cafèzais da região de Garça e circunvizinhanças, nêste Estado. Sua presença em cafèzais situados nas proximidades de Dois Corregos foi também registrada, mas observações detalhadas sôbre a ocorrência da enfermidade em outras zonas cafeeiras dêste ou de outros Estados ainda não foram feitas.

A mancha aureolada, como vem sendo denominada essa nova moléstia, é caracterizada pela presença de manchas necróticas nas folhas, circundadas por grande halo amarelado e que podem ser seguidas ou não por requeima de grande parte da vegetação e seca dos ponteiros de muitos galhos. Ela é diferente da mancha anular, uma moléstia de ocorrência restrita, e de outras enfermidades conhecidas do cafeeiro.

Ataques severos da mancha aureolada foram observados na Fazenda Santa Silvia, de propriedade do sr. João Laraia, o lavrador que pela primeira vez reconheceu e chamou a atenção dos técnicos para a nova moléstia. Outro ataque também severo foi observado na Fazenda Santa Cecilia, de propriedade do sr. José Pereira Leite. A presença da moléstia em caráter mais ou menos severo foi constatada em diversas outras propriedades da região de Garça e nas suas imediações.

Os estudos sôbre a mancha aureolada ainda estão em sua fase inicial. Tratando-se, porém, de moléstia que poderá ser de grande importância para a lavoura cafeeira, julgou-se de interêsse divulgar as observações e resultados preliminares obtidos. Técnicos e agricultores ficarão assim informados sôbre a existência da moléstia e poderão contribuir com informações para seu melhor conhecimento.

IMPORTÂNCIA ECONÔMICA

A mancha aureolada é aparentemente mais severa em cafèzais novos do que nos velhos. Em algumas plantações velhas, onde havia sido feito o plantio intercalar de cafeeiros novos, pôde ser observado que a moléstia era mais severa nêstes.

Na Fazenda Santa Silvia, onde a moléstia afetou cêrca de 35.000 pés, os prejuízos causados foram bem grandes. Parte da safra atual foi perdida em alguns talhões do cafèzal devido à moléstia, e a perda de grande número de folhas das plantas atacadas resultou em um atraso de pelo menos 1 ano no desenvolvimesto da plantação. Nova brotação está sendo formada pelas plantas afetadas, mas nada se sabe ainda sôbre os possíveis efeitos tardios da moléstia.

Em algumas fazendas vizinhas à Santa Silvia também era grande o prejuízo causado pela enfermidade. A sua importância para a lavoura do Estado só poderá ser aquilatada quando forem inspecionadas outras zonas cafeeiras e também depois

de se saber qual o comportamento posterior das plantas atacadas. É possível que, como no caso de muitas outras moléstias de plantas, o surto inicial severo seja seguido por prejuízos de menor importância.

O sr. João Laraia, proprietário da Fazenda Santa Sílvia, atribui a grande queda de produção de seus cafèzais velhos, havida nos últimos anos, à presença da moléstia e sugere que talvez seja ela responsável pela diminuição da produção na zona de Garça. Embora essa questão mereça estudos, a observação da ocorrência da moléstia nos cafèzais velhos não dá apoio a essa hipótese.

PLANTAS AFETADAS

A mancha aureolada foi observada na região de Garça em cafeeiros das variedades "mundo novo", "bourbon amarelo", "bourbon vermelho" e "caturra". Nas fazendas Santa Sílvia e Santa Cecília, onde os ataques foram mais severos, as variedades plantadas eram "mundo novo" e "bourbon amarelo", respectivamente. Não parece razoável atribuir-se o aparecimento de surtos severos da moléstia ao uso da semente melhorada, e até que se obtenham informações de ensaios comparativos, pouco se poderá afirmar a respeito da suscetibilidade das variedades.

Procurou-se verificar, nas áreas onde o surto da moléstia era severo e generalizado, se não havia indicação da existencia de plantas individuais resistentes nas covas. Até agora nenhuma observação positiva a esse respeito foi feita.

Embora os sintomas da mancha aureolada tenham sido observados também em cafeeiros adultos da região, a moléstia parece ser bastante mais severa nas plantações novas ou em replantas feitas em cafèzais já desenvolvidos. Pensou-se, a princípio, que o aparecimento da moléstia pudesse coincidir com o início da frutificação dos cafèzais novos, quando as plantas se tornam depauperadas pelo excesso de carga. Verificou-se, porém, que ela também afeta mudas novas de cerca de um ano que não tinham sequer florescido. A presença da moléstia já foi observada até mesmo em mudinhas com cêrca de dois meses, plantadas em laminados, nos viveiros das fazendas S. João do Inhema, Santana e Santa Cecília, todas na região de Garça.

Por ocasião de diversas visitas feitas à zona de Garça, nenhuma erva daninha ou cultura intercalar foi observada nos cafèzais atacados que apresentasse sintomas semelhantes aos da mancha aureolada e que pudesse ter servido de fonte de inóculo para o cafeeiro.

SINTOMAS DA MOLÉSTIA

Plantas severamente atacadas pela mancha aureolada mostram os seguintes sintomas de sua vegetação: lesões necroticas comumente de contorno arredondado, circundadas por halo amarelo, em folhas novas, em folhas de meio desenvolvimento e naquelas completamente desenvolvidas (figuras 2 A e B); desfolhação completa dos ramos atacados, exceto pela presença de folhinhas muito novas na extremidade (figuras 1 A e 3 A e B); requeima e seca das extremidades de muitos ramos; necrose de frutinhos novos no estado de chumbinho.

As manchas podem aparecer em folhas de qualquer idade. Muito no início são pequenas pontuações amareladas, mas logo passam a ser necroticas no centro.

Durante a fase de crescimento inicial das lesões o halo amarelo que as circunda é grande em relação à area necrosada. As lesões podem ocorrer em qualquer parte da folha, mas parece haver maior frequência na sua manifestação ao longo dos bordos. Muitos casos foram observados em que folhas ainda em desenvolvimento foram afetadas sòmente em uma metade, havendo, consequentemente, maior crescimento da metade ilesa e curvatura posterior da folha para o lado da metade atacada. Verificou-se também que muitas lesões parecem se originar de danos mecânicos de várias naturezas, tais como aqueles que poderiam resultar de atrito causado pelo vento e de picadas de insetos.

Quando as lesões se manifestam em folhas ainda em crescimento dos tecidos necrosados, aparecendo então perfuração. Se as lesões são sobretudo marginais, forma-se frequentemente um tipo de sintoma em que as margens das folhas ficam parcialmente dilaceradas. Quando êste sintoma ocorre em folhas mais novas, é designado pelos lavradores como rendilhado. Essa manifestação está em parte associada aos efeitos do atrito das folhas causado pelo vento. Sob determinadas condições e, talvez como resultado da invasão de organismos secundários, as lesões da mancha aureolada crescem e coalescem, dando formação a grandes areas necróticas nas folhas.

Folhas afetadas com grandes areas mortas caem, havendo desfolhação de muitos ramos das plantas. Em casos de ataque severo a queda das folhas foi seguida pela seca da extremidades dos ramos. A planta afetada e parcialmente desfolhada desenvolve brotação principalmente de ramos ponteiros e também na primeira axila logo abaixo das áreas secas das extremidades.

Foi observado que muitos frutos novos, no estado de chumbinho, formados nos galhos mais atacados, apresentavam-se necrosados. Não está ainda determinado se isto representa o resultado do ataque direto da moléstia sobre os frutos ou se a morte destes é consequência da perda das folhas. As raízes de diversas plantas afetadas que foram examinadas apresentavam-se normais.

NATUREZA DA MANCHA AUREOLADA

Na Fazenda Santa Sílvia, a mancha aureolada manifestou-se primeiramente em uma área situada no alto de uma lombada. A partir desse foco inicial vem ela passando para as plantas vizinhas, situadas em terreno mais baixo, invadindo dessa maneira as áreas periféricas. Três observações, feitas com intervalo aproximado de 20 dias, indicaram que inicialmente tinham ocorrido circunstancias bastante favorável à manifestação de um surto severo da moléstia, disso resultando requeima forte e seca dos ponteiros. O surto inicial severo já havia diminuido em intensidade por ocasião da segunda visita feita à propriedade, mas a moléstia ainda estava se estendendo na periferia das reboleiras. Notou-se, lém disso, a presença de lesões na brotação nova formada, embora fossem elas menos numerosas do que na ocasião anterior. Observou-se, na terceira visita, que os sintomas das plantas atacadas tinham novamente se tornado severos.

Em outras propriedades da região, a mancha aureolada foi observada mais ou menos espalhada nas plantações, não havendo vestigios de focos iniciais. Segundo observações de alguns lavradores, sintomas semelhantes aos da mancha aureolada já vêm sendo observados há mais de dois anos em cafèzais da região.

Varias hipóteses sobre a natureza da mancha aureolada estão sendo investigadas.

DEFICIÊNCIAS DE NUTRIÇÃO

Na Fazenda Santa Sílvia a moléstia se manifestou com grande severidade em um cafèzal novo, com cêrca de 2 anos de idade, plantado em terra nova de derrubada. Até pouco antes da primeira visita feita a essa propriedade, as plantas vinham se desenvolvendo otimamente. Cêrca de um mês após o aparecimento da moléstia, já eram bastante severos os danos por ela causados.

Tratando-se de terra nova de derrubada, torna-se difícil aceitar-se que a moléstia tenha resultado diretamente de deficiências de nutrição. É preciso também considerar que nesse mesmo tipo de terra e na mesma propriedade formaram-se anteriormente cerca de 200.000 pés de café sem que essa molestia tivesse sido observada.

O crescimento dos cafeeiros novos nessa área de derrubada vinha sendo exuberante. Com 2 anos a partir das sementes já as plantas alcançavam cerca de 1 m 50 de altura ou até mais. É possível que, devido a êsse crescimento extremamente rapido, tenham resultado deficiências temporárias de nutrição em virtude da grande demanda de elementos feita pela planta, e que o solo, apesar de ser de derrubada recente, não pôde suprir. Dessa maneira a moléstia poderia ser o resultado direto da deficiência de um ou mais elementos ou do fato de essa deficiência ter tornado as plantas mais vulneráveis a organismos que habitualmente seriam incapazes de afetar o cafeeiro de maneira tão severa.

Os sintomas necróticos nas folhas velhas se assemelham em parte àqueles causados por deficiência de potássio, mas a manifestação dos sintomas em folhas novas e a queima de ponteiros não foram ainda observados nos casos de falta desse elemento.

Foram feitas analises de amostras de terra colhidas de áreas do cafèzal onde a molestia era bastante severa e de áreas ainda não invadidas. Os resultados dessas análises indicaram que o solo era relativamente pobre em fósforo e potássio.

Amostras de folhas foram também retiradas de plantas afetadas e não afetadas, de areas correspondentes ao local de onde se tiraram as amostras de terra. Elas foram submetidas à analise, mas os resultados de duas séries de amostras, retiradas com intervalo de um mês, não mostraram nehuma diferença significante entre o teor de minerais das folhas de plantas afetadas e sadias. Além disso, a análise foliar revelou que a composição mineral das folhas era normal para cafeeiros nessa época do ano.

A possibilidade de os sintomas da mancha aureolada resultarem da deficiência de microelementos está sendo considerada. Na ocasião da primeira visita feita à Fazenda Santa Sílvia, nehum sintoma de deficiência de microelementos foi notada, mas na segunda visita feita eram bastante visíveis os sintomas de deficiência de ferro. Êstes sintomas tinham em parte desaparecido por ocasião de uma terceira visita. O efeito da aplicação de uma mistura dos microelementos mais importantes sobre as plantas afetadas pela mancha aureolada foi tentada como medida de controle.

MOLÉSTIA INFECCIOSA

Os sintomas de mancha aureolada e a sua maneira de se manifestar são bastante sugestivos de moléstia infecciosa. Alguns ensaios preliminares de transmissão apóiam essa afirmativa, pois já se conseguiu reproduzir lesões idênticas às da mancha aureolada por inoculação de folhas sadias com inoculo preparado a partir do material de Garça.

Será difícil ou até impossível estabelecer com certeza como se deu o aparecimento da mancha aureolada na região de Garça. Várias hipóteses poderiam se adaptar aos fatos conhecidos: 1) o patogeno poderia ter sido introduzido em outra cultura e depois passado desta ao cafeeiro; 2) é possível que o agente causal da moléstia ocorra comumente nessa região e até mesmo em outras zonas cafeeiras, mas que sòmente sob determinadas condições de ambiente ou de solo possa causar danos semelhantes aos observados; 3) o ataque severo, observado na região de Garça, poderia também resultar do aparecimento espontaneo de um mutante mais patogenico de um agente causal usualmente de pouca importância para o cafeeiro.

A possibilidade de haver fatores predisponentes, que tornem a planta mais suscetível à moléstia, está sendo investigada. Alem de deficiências de elementos poderem favorecer o ataque de patogenos fracos, talvez outros fatores, tais como danos produzidos pelo granizo, atrito causado pelo vento, picadas de insetos ou outros danos mecânicos possam facilitar a penetração de organismos fracos na planta e que assim seriam capazes de causar a moléstia.

De natureza bacteriana — Apresenta de um halo amarelo ao redor das lesões da mancha aureolada lembra certas molestias bacterianas, como no caso de "wildfire", do fumo e "halo blight", do feijoeiro. São também indícios de moléstia bacteriana o frequente aparecimento de lesões associadas a ferimentos mecânicos e a tendência que mostram para ocorrer em maior número ao longo das margens das folhas. Em vista dessa sintomatologia, foi solicitado ao chefe da Seção de Fitopatologia do Instituto Agronômico que efetuasse o estudo do material. Três espécies de bactérias foram isoladas das lesões pelo dr. A. P. Viegas, mas a mais frequentemente encontrada associada às lesões foi uma que forma colônias de coloração amarelada em meio de cultura de batata-dextrose-agar.

Todas as tentativas feitas pelo técnico acima referido para reproduzir a moléstia com culturas pura dos bactérias isolados das lesões têm dado resultados negativos. Viegas reproduziu lesões da molestia por "puncturas" em folhas sadias feitas através dos tecidos afetados. Os autores também já conseguiram reproduzir lesões da moléstia por meio de injeção de suco obtido de manchas do material trazido de Garça. Lesões também foram produzidas pelo mesmo inóculo quando aplicado por fricção em folhas sadias que tinham sido polvilhadas com carborundo. O método de injeção foi aparentemente mais eficiente do que o carborundo.

Não obstante os resultados negativos dos ensaios de inoculação com culturas puras de bactérias isoladas das lesões da mancha aureolada, a maioria dos fatos ainda continua a apontar a natureza bacteriana da moléstia como sendo a mais provável. Talvez haja outra espécie de bactéria associada à moléstia ou possivelmente a inoculação com culturas puras requeira algum detalhe especial de técnica.

Moléstia de virus — Os sintomas da mancha aureolada não são tipicos daqueles causados por virus. Seria, entretanto, mais admissível, tratar-se de moléstia de virus do tipo localizado do que do sistêmico, em que cada uma das lesões representasse um ponto de introdução do virus por um inseto vetor. Visto que nenhum inseto foi encontrado associado às plantas afetadas e que o exame das lesões feito por L. O. T. Mendes, entomologista do Instituto Agronômico, não revelou a existência de "puncturas" ou outros sinais de alimentação de insetos nos centros das lesões, parece menos aceitavel esta hipótese.

Como já foi referido, obteve-se reprodução de lesões da moléstia por fricção de folhas sadias com suco obtido de manchas das folhas trazidas de Garça. Foram poucas as lesões formadas; elas apareceram cerca de 12 a 15 dias após a inoculação, ocorrendo principalmente ao longo da margem das folhas. A reprodução de lesões

em inoculações com carborundo tanto poderia indicar moléstia de virus como de bactéria, mas o fato de a introdução do inoculo por injeção ter sido mais eficiente que a fricção com carborundo, sugere mais a causa bacteriana.

Além do cafeeiro, plantas indicadoras de virus, de várias espécies, foram inoculadas com suco das lesões de folhas do material de Garça. Os resultados destas inoculações foram negativo. Tentativas para transmitir a mancha aureolada por enxertia foram feita, mas é ainda cedo para se esperarem resultados de ensaios de transmissão deste tipo. Não se tratando de moléstia sistematica, é possível que, mesmo que ela fosse moléstia de virus, não pudesse ser transmitida por enxertia.

Toxina de inseto — Manchas amarelas podem ser causadas em folhas de diversas espécies de plantas como resultado da introdução de tóxinas de insetos durante o processo de alimentação dêstes. Manchas desse tipo já foram observadas em associação com coccídios, larvas de moscas brancas, tripes e outros insetos.

Conforme foi já discutido, não foram observados sinais de picadas de insetos em associação frequente com as lesões da mancha aureolada. Além disso, o fato de ter se dado transmissão pela inoculação de material obtido das lesões é evidência contrária a esta suposição.

EXPERIMENTOS INSTALADOS NA FAZENDA SANTA SÍLVIA

Os ensaios de campo instalados na Fazenda Santa Sílvia pelo Instituto Agronômico de Campinas têm por finalidade obter evidência corroborativa sobre a natureza da moléstia e sôbre as possibilidades de seu contrôle: Procurou-se verificar, nesses experimentos, se a adição de doses fortes de fertilizantes ou de microelementos não poderia corrigir deficiências de nutrição das plantas e torná-las mais resistentes à moléstia. O efeito protetor de fungicidas está sendo experimentado, asim como a pulverização com antibióticos, que têm dado resultados favoráveis no contrôle de várias moléstias bacterianas de planta.

Outros tratamentos ensaiados consistiram no plantio intercalar de mudas sadias em covas bem adubadas, a fim de confirmar o caráter infeccioso da moléstia, e na cobertura do solo com capim, para melhorar as condições de balanço hidrico daquele.

CONCLUSÕES

O estado atual de nossos conhecimentos sôbre a mancha aureolada permite as seguintes conclusões:

1) A marcha aureolada é agora reconhecida como uma nova moléstia do cafeeiro, toda a evidência indicando que é de natureza infecciosa.

2) A maioria dos fatos conhecidos sôbre a marcha se adapta melhor à hipótese de que ela é de natureza bacteriana; menor probabilidade existe de ser moléstia causada por virus.

3) Na região de Garça, a marcha aureolada está causando sérios prejuízos a algumas plantações novas; é de menor importância aparente nas plantações velhas. Embora o estudo da distribuição da moléstia nas diferentes zonas do Estado e o prejuízo que porventura cause em outras areas deva merecer a melhor atenção dos técnicos oficiais, não é ainda caso para alarme entre os lavradores. Como no caso de muitas moléstia de plantas, é possível que venha a ser verificado que, depois de um surto inicial severo, os ataques da molétia se tornam de menor importância.

4) Mesmo que o contrôle da marcha aureolada possa ser obtido pela aplicação de substancias protetoras sôbre as folhas, êsse método seria pouco prático para as condições de uma cultura extensiva como é a cafeeira no Estado de São Paulo. Um método de controle dessa natureza poderia ser aplicado em menor escala nos casos de focos iniciais da moléstia ou sòmente naquelas épocas do ano em que houvesse condições favoráveis à manifestação de surtos epifitoticos desta.

5) Mais fácil será o contrôle da marcha aureolada se for verificado que a adição de certos fertilizantes ou microelementos possa modificar o estado de nutrição da planta de modo a torná-la resistente à molestia.

6) É importante efetuar estudo comparativo da suscetibilidade das diferentes variedades de cafeeiro à marcha aureolada e incluir nesses ensaios material genético que possa servir em projetos de cruzamento. A seleção de plantas resistentes em plantações onde o surto da moléstia foi severo e uniforme oferece também a possibilidade de se obter material de variedades comerciais genèticamente resistente.

7) Se os levantamentos da distribuição da moléstia mostrarem que a sua ocorrência é localizada e não geral, poderia ser conveniente por em pratica medidas adequadas para evitar a invasão de áreas não infestadas.

(Da "Folha da Manhã")

"PANCOMTEL"

COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.

Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

CAFÉ — *ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CÂMBIO — METAIS AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO — COUROS — ETC.*

Assinaturas e mais informações nos seguintes endereços:

RIO DE JANEIRO:
Rua Beneditinos, 17 — 4.o andar
Fone: 23-0012

SÃO PAULO:
Rua Líbero Badaró, 488 — 2.º andar
Fone: 33-4976

SANTOS:
Praça Azevedo Junior, 14 — 4.º andar — Fone: 2-7278

Agências nos principais Estados do Brasil

Métodos racionais de colheita para a lavoura cafeeira

Edgar Fernandes Teixeira

Em setembro do ano passado divulgamos o êxito obtido na Araraquarense com a campanha iniciada em Catanduva para a produção de cafés finos. Dissemos que o combate à erosão já se vai tornando um trabalho de rotina, e do mesmo modo o plantio em curva de nível e o uso de sementes selecionadas, particularmente do Mundo Novo, do Bourbon amarelo, do Bourbon vermelho e do Caturra. Cabe agora — insistiamos — enveredar para a fase final: o da produção de cafés finos, em larga escala, até que finalmente São Paulo e o Brasil se destaquem no mundo não só pelo volume do café produzido, mas pela qualidade da bebida do café aqui colhido.

A campanha que se faz na região que tem como centro o município de Catanduva, proclama a adoção, por parte dos lavradores, de apenas cinco medidas simples e que tem resultado em benefícios que todos reconhecem. Eis as providências recomendadas: 1.º — Não misturar café de "varrição" com café de "colheita" e fazer duas ou mais varrições, se necessário; 2.º — Colher de preferência no pano, e quando fizer a derriça no chão, levantar o café no mesmo dia; 3.º — Secar cuidadosamente, precedendo a secagem, sempre que possível, de separação do café da "roça" em seus diferentes tipos; 4.º — Beneficiar, criteriosamente, com rigorosa separação de peneiras e tipos; 5.º — Catar, manual ou mecanicamente, o café beneficiado, para livrá-lo de defeitos.

Como se vê, são medidas simples que cada cafeicultor pode adotar em sua propriedade e dessa forma contribuir para que o café do Brasil enfrente os concorrentes internacionais, principalmente os da América Latina, e se torne o centro produtor mais famoso do mundo pela qualidade do café. As perspectivas para o ano de 1950 sôbre uma superprodução de café no mundo, diante dos relatórios do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, da Organização dos Estados Americanos e da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação, não deixam dúvidas de que a partir daquele ano, sòmente os países que contam com café de qualidade e obtidos em condições razoáveis de trabalho econômico poderão enfrentar um declínio desastroso dos preços, se até lá não fôr encontrada uma solução.

"Um exame pormenorizado das previsões do mercado — diz um dos relatórios — revela que se devem aguardar condições serias no mercado mundial do café, em 1960, pois a oferta ultrapassa a procura. A menos que haja uma ação eficaz, as repercussões serão nefastas também nos países consumidores. Não se pode deixar de salientar a necessidade de se encontrar com urgência uma solução para o problema do café. Uma diminuição de 28% das rendas provenientes do café faria desaparecer ou reduziria a nada em dois anos, todas as reservas em ouro e dolares do Brasil, da Colômbia, de Costa Rica e do Haiti, e afetaria consideràvelmente as reservas de São Salvador e Nicarágua".

Houve época em que se tornou necessário esclarecer os lavradores que era possível conseguir aqui o melhor café do mundo, desde que se colhesse o fruto em

"cereja" e o despolpasse secando posteriormente mais à sombra que ao sol. Já se evidenciou que isso não é necessário. O maior prejuízo está na colheita pelo sistema de "derriça" que junta toda a produção — cafés cerejas, secos, ardidos e verdes — num mesmo saco e os trata da mesma maneira. Experiências do antigo Serviço Técnico do Café provaram que basta um grão de café ardido ou verde para estragar a bebida do melhor café. "É inútil tentar produzir cafés finos — dizia aquele Serviço — com verdes ou ardidos. Cada qual destes defeitos se apresenta nas provas de torração e bebida a que ficam sujeitas todas as partidas de café expostas à venda, como verdadeiros elementos indesejáveis, tal o gosto acre e nauseabundo de que são impregnados. Basta um grãozinho destes para corromper o fino paladar de cêrca de 50 gramas do mais "doce" café. Daí a razão do combate à sua presença. Esta é mais agravada ainda quando se sabe que êsses defeitos jamais torram bem; adquirem sempre uma côr amarelada, nas provas em questão, enquanto os grãos perfeitamente iguais, em secagem e fava, atingem uniformemente o ponto de torração".

O problema, portanto, é pacífico. Para se conseguir um café que possa ser considerado o melhor do mundo, no aroma, no paladar, no aspecto e na uniformidade da fava ou do grão, cabe aos lavradores adotarem medidas simples na colheita e na secagem estejam na região que seja, e que se resumem nas providências acima recomendadas para a região de Catanduva e que stão sendo tomadas da mesma forma na Mogiana, em Mococa, Campinas, Sorocabana e em varios outros pontos pelos lavradores mais adiantados e que se convenceram da realidade.

A aplicação de métodos simples e racionais de colheita do café nas fazendas paulistas especialmente nesta safra, poderá ser de grande utilidade e resultar na aceitação por parte de todos os lavradores, porque este ano, por causa de condições muito favoráveis de clima, o café está amadurecendo com uniformidade espantosa. Regiões existem, como nas proximidades de Campinas e em vários municípios da Mogiana, em que neste momento 80 por cento dos frutos de cada cafeeiro estão em ponto de cereja, o que pode permitir uma colheita no pano de quase unicamente café maduro. Se aproveitarmos esta safra para incutirmos no lavrador a idéia de que é possível com sistemas simples fazer uma colheita que melhora extraordinàriamente o café que está sendo colhido, com muito mais facilidade o sistema se implantará em anos mais difíceis, quando a má distribuição das chuvas, o calor ou estiagem, bem como floradas tardias e muitas outras precoces provocam a maturação mais desuniforme e desigual. Êste é o momento das Associações Rurais, dos Bancos, das Prefeituras, das Casas da Lavoura, a exemplo do que se faz em Catanduva, organizarem em cada município a sua campanha para a produção de cafés finos, oferecendo prêmios de estimulo, como se tem feito para as fazendas que melhor aplicam os princípios de conservação dos solos. O uso de meios de divulgação em cada sede municipal e distrital, com altifalantes, como o radio, os jornais, cartazes, dísticos, boletins e faixas, despertarão nesse momento que é o do início da colheita em muitas zonas o desejo de aplicação desses métodos, para melhoria da qualidade do café. Esta é a ocasião que não se pode perder, pois tudo favorece a generalização de uma campanha de produção de cafés finos em todo o Estado, antes que nos aproximemos ainda mais do ano terrível de 1960, quando a super-produção do café, provocando a baixa e a menor procura de cafés inferiores, não dará margem a medidas que agora são possíveis e viáveis.

Devem lembrar-se os governos federal, estadual e municipal e lavradores de café que a melhoria do café brasileiro do ponto de vista de tipo e qualidade da

bebida vai de agora em diante ser um imperativo de vida ou de morte para a lavoura cafeeira. Com ela enfrentaremos a borrasca que se aproxima. Caso contrário, veremos os países que colhem o café com cuidado e o secam para obter um bom produto, sofrer contratempos, mas resistir e manter a sua lavoura para outros tempos de maior consumo, ao passo que seremos obrigados a abandonar ou derrubar milhões de cafeeiros para tentar outros cultivos ou a criação de animais.

(Do "O Estado de S. Paulo")

MOLÉSTIAS DO CAFE'

Duas moléstia foram descritas na África, as quais afetam a casca da haste do cafeeiro. Uma delas foi encontrada em Tanganyika, em 1930, nas montanhas de Usambara, e é devida ao Fusarium lateriticum var, longum, do qual existem as linhagens A1 e A2. A molétia acha-se espalhada e é bem destrutiva. Foi também encontrada em Kilimanjaro e Uluguru, porém, nessas regiões não causam danos serios.

A segunda moléstia foi encontrada em Kilimanjaro em 1936 e o fungo causador foi identificado como Fusarium stilboides: Esta moléstia está se alastrando e tornando destrutiva em Tanganyika. Afeta ramos e hastes e, ao que parece, a infecção se inicia nos cortes feitos durante a poda. Não, se notam sintomas nas folhas e nem nos frutos.

Verificou-se agora que as duas moléstias são na realidade causadas pelas duas linhagens de F. lateriticum var, longum, sendo o F. stilboides semelhante à linhagem A1.

Onde ocorre a moléstia preconiza-se a remoção e queima de todos os ramos podados.

(Do "O Estado de S. Paulo")

PRODUÇÃO DE NEVOEIRO ARTIFICIAL PARA PROTEGER AS PLANTAÇÕES DE CAFE' CONTRA OS EFEITOS DAS GEADAS

Em declarações à imprensa acêrca de aparelho inventado para proteger os cafèzais contra geadas, o sr. Reinhard Maack, professor da Escola de Agronomia e geólogo do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas do Paraná, afirmou que se trata de única salvação para nossas lavouras cafeeiras no futuro". O invento consiste em produzir um nevoeiro artificial com base em certos produtos químicos, de modo que dificulte a ação do frio sôbre as plantações.

Iniciando sua exposição, o sr. Reinhard Maack, recentemente designado para constituir a Comissão de Estudos para Defesa contra Geadas, examinou demoradamente as condições climáticas do Paraná, frisando que na região norte do Estado, segundo as observações meteorológicas até agora feitas, deve-se esperar a ocorrência de duas ou três geadas em cada período de dez anos, principalmente nos meses de maio e julho.

CARACTERÍSTICAS DAS GEADAS

"A queda de temperatura para zero grau e abaixo, com a passagem de uma onda de ar frio — acrescentou — ocorre quase sempre em noites calmas e com alta pressão atmosférica e céu limpo, sem nuvens, depois de alguns dias de chuvas ou garoa. Assim, origina-se o fenômeno das geadas. Essas noites de geadas são características por uma inversão de temperatura, porque a superfície da terra irradia o calor recebido durante o dia no espaço atmosférico, de maneira que fica substituido por uma camada de ar frio, que se coloca por baixo de uma camada de ar quente. Deve-se lembrar que, normalmente, se observa uma diminuição de temperatura em cada 100 metros de altitude, 1 grau centigrado com ar seco e 0,6 graus centigrados com ar úmido, mas nas noites de geada é o contrário: o ar frio desliga nos lugares mais baixos, formando assim, um lençol de massa de ar frio, imediatamente sôbre a superfície da terra. Com a rápida baixa de temperatura, a seiva das plantas forma finos cristais de gelo nos vasos, provocando a morte das fôlhas ou plantas quando se faz o degelo de modo brusco, especialmente com a ação dos raios solares, na madrugada, rompendo os vasos das plantas."

PROTEÇÃO CONTRA GEADAS

Lembrando que as observações até agora realizadas demonstram que quando se formam, nas noites de geadas, faixas de cerração em certas regiões, as plantas aí existentes são protegidas contra os efeitos daqueles fenômenos climáticos, o sr. Reinhard Maack acrescentou:

"O único método para proteger a lavoura cafeeira do futuro, deve ser a de cobrir grandes áreas no menor prazo possível, com nevoeiros artificiais. Todos os outros métodos estão fadados ao malôgro, seja lenha ou borracha queimadas ou produtos que formem fumaça, porque quaisquer outros materiais formam uma coluna de ar quente que sobe, como em uma chaminé, ou melhor, toda a matéria quente se estende verticalmente e não horizon-

talmente. Assim — acrescenta — não podemos ter proteção de plantações contra os efeitos das geadas.

"Hoje já há pequenas velas que produzem nevoeiro artificial. Infelizmente essas velas têm uma duração de apenas 18 a 20 minutos e não podem cobrir, durante muito tempo, grandes áreas, como na zona cafeeira do Paraná.

"Nos últimos anos foram desenvolvidos estudos especiais de produtos químicos que satisfazem nossas esperanças para proteger os cafèzais contra as geadas. Trata-se de um ácido especial; formando imediatamente enormes massas de nevoeiros pesados que se estendem horizontalmente sôbre as plantações. Caso haja vácuos dentro da camada de nevoeiro artificial, êstes podem ser eliminados por pequenas velas que se deslocam dentro dos barris ou em outros lugares do terreno. Desse modo se origina uma camada de nevoeiro homogêneo. O nevoeiro pode ser produzido durante muitas horas. Em noites calmas em 15 a 29 minutos pode ser produzida uma camada de nevoeiro que cobre quarenta alqueires de terras. Nesse caso pode ser fechado o goteiro do tambom para economizar o produto químico. A produção do nevoeiro por êsse produto, pode ser regularizada, de acôrdo com as necessidades, mas as velas do nevoeiro, uma vez acesas, queimam até o fim, sem poderem ser apagadas. Para os casos de emergência, quando se formam as geadas, inesperadamente, em curto espaço de tempo, foi desenvolvido um produto especial em cartuchos grossos, que produzem, em 15 minutos, enormes massas de nevoeiro branco e muito pesado, que pode cobrir a área de um quilômetro quadrado, aproximadamente. Nêste caso há tempo para distribuir os tambores com o ácido antes que a geada prejudique os cafeeiros. Esses cartuchos grandes são uma construção extremamente feliz. Podemos dizer, finalmente, que o nevoeiro artificial produzido não é tóxico e é inofensivo ao homem, animal e plantas, mas para entrar no nevoeiro produzido pelos cartuchos grandes é aconselhável o uso de mascara de gás, porque ele é muito denso e, mesmo que não tóxico, produz certas irritações nas vias respiratórias superiores."

CUSTO

"A instalação do aparelhamento e a aplicação do nevoeiro serão relativamente muito baratas, caso o govêrno ajude com o câmbio adequado e favorável. Calculada no preço atual, uma instalação para proteger 40 alqueires de cafèzais, em noites de geada, custaria mais ou menos 55 mil cruzeiros. De maneira que, o custo da proteção de 1 pé de café importaria em 22 centavos, e 1 alqueire de terra em 300 cruzeiros por uma noite de geada. Uma vez instalado, para as geadas futuras, as despesas de proteção de 1 pé de café custariam sòmente 12 centavos, ou mais ou menos 180 cruzeiros por alqueire. Todos os preços aqui mencionados são atuais e estão sujeitos aos preços de calcário (cal especial) e do câmbio."

Finalizando suas declarações, o sr. Reinhard Maack afirmou que, no seu entender, essa invenção é a única salvação para nossas lavouras cafeeiras no futuro.

(Da "Folha da Tarde")

Racionalização do plantio do cafeeiro

Guido Cesar Rando

O plantio em nível é hoje em dia considerado como operação agrícola fundamental, mormente em se tratando de culturas permanentes. A formação de novas lavouras de café em terras velhas tem-se orientado, em grande parte do Estado, pelas linhas de nível. Em terras novas de derrubada, o café ainda é plantado, com poucas exceções, no sistema antigo de quadrado ou retângulo, porque os agricultores crêem ser o plantio em nível motivo de demora e de encarecimento da operação. Porém, já está comprovado que o plantio em curvas de nível é uma operação simples e exequível, demandando, pràticamente, o mesmo tempo e o mesmo custo que o plantio em linhas retas pelo sistema antigo.

Mesmo que existissem realmente dificuldades iniciais para o plantio do café em nível, assim mesmo, seriam elas largamente compensadas pelas vantagens que esse sistema oferece ao trato mecânico da lavoura, na disposição favorável de carreadores, nas facilidades de sulcamento para a distribuição de adubos, esparramação mecânica do cisco etc.

Quanto ao que se refere à proteção do solo, a ciência agronômica e a prática dos agricultores têm sobejamente demonstrado que a simples disposição das ruas de plantas segundo as curvas de nível do terreno contribui com grande eficiência para facilitar a infiltração das águas de chuvas e controlar a erosão.

Não existem ensáios comparativos entre a perda do solo e água no plantio de café em esquadro e em curvas de nível. Todavia, em culturas anuais de milho e de algodão, os ensáios revelaram que a perda do solo por hectare para o plantio morro abaixo é cêrca do dobro sôbre a cultura feita em nível.

Em culturas perenes, como a do café, admitem-se resultados mais favoráveis ao cultivo em nível, uma vez que os tratos culturais mecânicos, ano após ano, formam nas ruas verdadeiras barreiras de terra que funcionam como terraços.

Segundo dados recentes, a formação do pé de café (cova) em terra de derrubada, na base de contrato por 4 anos, fica em cêrca de 42 cruzeiros, computadas todas as despesas (inclusive juros e benfeitorias).

As despesas para o alinhamento em nível foram de apenas Cr$ 0,60 (sessenta centavos) por cova, ou seja cêrca de 1,5% das despesas totais. Dessa forma, o custo de operação não pode ser invocado como fator limitativo.

Felizmente, já é possivel destacar grandes progressos feitos no sentido da racionalização da cultura do café. Nêstes últimos cinco anos o serviço oficial de conservação do solo deu assistência ao plantio em nível em cêrca de 4 milhões de pés de café, em 2.500 propriedades agrícolas. É pouco relativamente ao volume de cafèzais plantados anualmente, mas não deixa de ser, de qualquer forma, um início auspicioso É sinal de que todas as dificuldades iniciais de sua introdução entre os agricultores vêm sendo superadas.

Cremos que o disciplinamento do plantio de nossas lavouras de café é uma medida urgente para o País, tendo-se em vista a natureza permanente da cultura e os prejuízos que decorrem por anos sucessivos, em consequência de plantio defeituoso. Todavia, somos

de opinião que os métodos a serem empregados para racionalizar a cultura não devem ser coercitivos, mas sim de esclarecimento e persuasórios.

Sòmente campanhas educativas de grande penetração na classe rural e em particular entre os cafeicultores seriam aconselháveis para a racionalização integral da cultura cafeeira.

Entretanto, o Estado, sem interferir nos direitos de propriedade, poderia oferecer certas prioridades e privilégios àqueles que viessem a formar lavoura segundo a técnica recomendada. Essas prioridades poderiam ser no campo de crédito rural, na redução do imposto territorial e em relação a qualquer auxílio prestado pelos orgãos governamentais aos agricultores. Seria esta uma política de estímulo, e que por certo traria os melhores resultados.

O estabelecimento de uma cafeicultura em bases racionais, de forma a assegurar produções mais elevadas a custo mais baixo, seria a forma mais acertada de se propiciar ao País meios para enfrentar à competição internacional no mercado do café.

CAFE' NACIONAL

Alcides Carvalho

Existem algumas regiões do Brasil que ainda persistem no plantio do café Nacional e assim o fazem por achá-lo preferível às atuais variedades comerciais. Haverá motivo para esta preferência? Alguns acham que sim. Que o Nacional produz menos, mas por êste motivo dura mais e que o café sendo planta perene precisa durar muitos anos para compensar os gastos com a plantação. Asseguram também que a semente é maior e tem melhor aceitação no comércio. Terão estas preferências algum fundamento e valerá realmente preocupar-se com esta variedade comercial?

A história do café Nacional prende-se à introdução do próprio cafeeiro ao continente americano. Segundo as informações existentes, o café Arábica é originario da Abissínia, e há muito foi introduzido em cultivo na Arábia. Por volta de 169 os holandeses levaram o café Nacional da Arábia para a ilha de Java. Em 1706 foi levada uma muda de café de Java para o Jardim Botânico de Amsterdam, na Holanda, o qual floresceu, logo a seguir. Sementes desta única planta, a qual provavelmente era da variedade Nacional, foram enviadas em 1718 à Guiana Francesa e, em 1727 passaram para o Brasil. Também em 1713 o Jardim de Amsterdam ofereceu ao Jardim de Plantas de Paris sementes do mesmo cafeeiro. Quando as plantas floresceram na França, as suas sementes foram enviadas à Martinica, e, daí, passaram para a América Central.

Não se pode ter muita certeza destas transferências, porém, é certo que por muito tempo sòmente se cultivou nas Américas o café Nacional e ainda hoje é a variedade predominante em várias regiões brasileiras e na maioria dos países americanos. Isto mostra que os nossos cafés foram sempre iguais e se diferem um pouco no produto final, é porque são preparados de modos diversos.

Com os estudos efetuados por Dafert, há mais de 50 anos no I. Agronômico de Campinas, de comparação de variedades, verificou-se logo que o Nacional era bem menos produtivo do que o Bourbon e, por êste motivo, na opinião desse cientista não valia a pena cultivar o Nacional. Dafert comparou o Nacional e o Bourbon como um trem de carga e um de passageiros, fazendo o mesmo trajeto de Campinas a São

Paulo, com amplas diferenças no tempo de percurso. Assim, dizia êle, para produzir uma determinada quantidade de café beneficiado, uma planta de Nacional gastaria, suponhamos, 10 anos, ao passo que o Bourbon para produzir essa mesma quantidade de café gastaria apenas 5 anos. A ciência para fazer essa máquina de produzir café, representada pelo Bourbon, era fornecer-lhe bom combustível, representado por adubações equilibradas, assunto que empolgou Dafert por vários anos.

Os estudos progrediram bastante depois de Dafert, mas sua opinião ainda é válida. Os novos dados mostram que o Bourbon Vermelho produz cêrca de 45% a mais do que o Nacional. As sementes do Bourbon são, porém, menores. Os dados referentes ao Bourbon Amarelo e ao Mundo Novo mostram também que estas duas variedades comerciais, hoje em ampla distribuição, sobrepujam o Nacional em produção, com amplas diferenças.

Examinemos agora o argumento de que o Nacional produzindo menos deve durar mais, havendo pois vantagens no seu emprêgo. Quando se fazem observações em cafeeiros plantados a uma planta por cova, verifica-se que algumas plantas de Bourbon duram realmente menos do que as de Nacional, porém, quando se comparam cafeeiros a 4 plantas por cova, já não se notam essas diferenças. Mesmo que se notassem diferenças, isto não representaria grande desvantagem para o Bourbon, desde que sàbiamente produz muito mais café nos primeiros anos. Além disto já se nota hoje em dia uma certa tendência para considerar o café como planta semiperene, devendo o cafêzal ser renovado de tantos em tantos anos, com possibilidades de aproveitamento máximo das novas técnicas agronômicas e principalmente das novas linhagens, de elevada capacidade produtiva.

Quanto ao tamanho da semente, se o Nacional leva vantagem quanto a êste respeito em relação ao Bourbon, já o mesmo não se dá com o Mundo Novo. A média de peneira calculada para várias progênies do Nacional foi calculada em 17,3, ao passo que para o Mundo Novo foi de 17,2.

Logo, os lavradores que lançaram os argumentos mencionados para continuar a plantar o Nacional é porque na verdade têm apenas simpatia por êsse café. Na fase de concorrência que se espera nos próximos anos pela supremacia dos mercados cafeeiros, irão vencer apenas os lavradores precavidos, os quais, além de bem organizados tiveram alta produção por área e produto de boa qualidade. Os que continuarem a plantar o café Nacional por certo não irão contar com colheitas abundantes, desde que a variedade é comprovadamente pouco produtiva, do tipo "trem de carga" imaginado por Dafert.

(Do "O Estado de São Paulo")

O Café Visto nos Estados Unidos

N.º 943 CARTA SEMANAL DO MERCADO 5 de Agosto de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Os observadores econômicos são geralmente de opinião que o aumento dos preços pressagiam o perigo da inflação, mas um dos aspectos notáveis da era de prosperidade atual está no fato de que os preços têm se mantido estáveis no meio de uma atividade econômica cada vez maior. Essa estabilidade dos preços, tal como se reflete no custo da vida, data de três anos a esta parte. No transcurso dêsse período, tem sido pràticamente nenhuma a flutuação dos preços, tanto no comércio de varejo como no de atacado, mas recentemente tem havido indícios de aumento dos preços em ambos os setores, indícios êsses aparecidos em vários pontos, sem revelar caráter epidêmico, todavia. Êste mês registrou-se um aumento de 5,8% (aumento médio) na produção do aço, depois do novo contrato assinado com os sindicatos operários, bem como outros produtos, tais como aparelhos de cozinha, sucata de aço, gasolina, tratores e materiais de construção. É opinião quase geral de que haverá novos aumentos nos preços, particularmente os dos automóveis de 1956 (que serão lançados no mercado em Setembro), os dos pneus, os dos móveis e dos aparelhos de uso doméstico.

Um dos fatores principais na tendência de aumento dos preços é o volume crescente dos créditos dos consumidores, o qual, com $25.000.000.000 atualmente, excede de $3.000.000.000 o total de Junho do ano passado, atingindo as proporções de um recorde. A produção nacional, que há doze meses vem crescendo, está agora com $26.000.000.000 acima do nível mínimo observado em 1954, e mais da metade dêsse aumento tem sido pago com empréstimos feitos a indivíduos. O Sistema da Reserva Federal está tomando medidas para dificultar, gradualmente, a obtenção de créditos, tendo sido anunciado esta semana que os compradores de casas terão que se sujeitar a novas restrições de crédito, para que o govêrno garanta as suas hipotecas. O Sistema da Reserva Federal fêz saber a todos os estabelecimentos bancários e de créditos que existe atualmente o perigo da inflação. Segundo estimativas de um banco, grande parte das rendas pessoais continuará a ser absorvida pelos débitos, de maneira crescente, sendo que 17% das rendas individuais, depois de pagos os impostos, consomem o pagamento das compras a prestações. Acrescentando-se 5% para pagamento de hipotecas de casas, 22% do total das rendas individuais são consumidos com o pagamento de dívidas.

Observa-se uma certa escassez nos fundos disponíveis para empréstimos, na prosperidade atual. Pela segunda vez, em um mês, grandes bancos de Nova York aumentaram o juro dos empréstimos. Os corretores de notas comerciais emitidas pelas firmas industriais e pelas companhias de fornecimento de pequenos empréstimos aumentaram os lucros dos investidores que compram tais notas, o que também concorreu para aumentar os juros dos empréstimos.

Se, por um lado, são evidentes os sinais da inflação, por outro lado há outros fatores que indicam que a economia norte-americana pode ainda suster uma pressão ainda maior. Por exemplo, o crescimento da população e o desenvolvimento

dos recursos (inclusive os da produção) seguem uma linha ascendente. As indústrias de automóveis e de construções, dois esteios principais da prosperidade atual, passarão apenas por reajustamentos ligeiros lá pelo fim do ano, o que, segundo se acredita, contribuirá para diminuir a tendência inflacionária corrente. Outro fator favorável é o dos altos lucros das corporações em diversas indústrias, o que por sua vez indica que grande parte do aumento dos preços devido aos salários mais altos e ao custo dos materiais pode ser absorvida pelas indústrias de um sistema de alta competição. Outro fator ainda contra a inflação é a preocupação constante do govêrno no sentido de evitar a mesma, lançando mão prontamente, se necessário, de todos os recursos que se acham a seu dispôr.

As atividades no Mercado de Valores refletiram esta semana um ambiente de cautela, não se verificando nenhum interêsse especial. O volume das transações foi pequeno durante tôda a semana, tendo as ações mais populares perdido terreno. As ações cujos preços registraram ganhos foram contrabalançadas por aquelas cujos preços registraram perdas.

Os preços do café, tanto no mercado de físicos como no mercado a têrmo, sofreram uma alta brusca em Nova York, com as notícias da geada ocorrida no Paraná e em São Paulo. Na segunda-feira, na têrça-feira e na quarta-feira, o mercado a têrmo abriu com o aumento máximo de 200 pontos (2 cents). Na tarde de quarta-feira, entretanto, os preços das posições próximas baixaram em virtude da pressão das vendas. Na abertura da quinta-feira, Setembro registrou baixas de 59 a 90 pontos, Dezembro baixas de 100 a 200 pontos e Março perdas de 70 a 100 pontos, ao passo que Maio e Junho registraram altas de 20 a 190 pontos. No Contrato M, Setembro registrou um declínio de 70 pontos e Março o declínio máximo de 200 pontos. As primeiras informações recebidas do Brasil indicavam que os danos causados pela geada foram maiores do que os causados pela geada de 1953. Na quarta-feira, o Ministro da Agricultura do Brasil, depois de visitar as áreas danificadas, acompanhado de Diretores do Instituto Brasileiro do Café, informou que a recente geada causou danos maiores do que a de 1953 no Paraná, mas no Estado de São Paulo os danos foram insignificantes. O Sr. Munhoz da Rocha declarou que os cafeeiros que deram 5 milhões de sacas êste ano talvez não dêem um milhão de sacas na safra de 1956-1957. Como já havia sido colhida a maior parte da safra dêste ano, ao ocorrer a geada, os efeitos da mesma serão sentidos principalmente nas safras de 1956/57 e 1957/58. A extensão dos danos só poderá ser avaliada por ocasião da colheita das safras. Entrementes, receia-se em Nova York, que os torradores de café aumentem os seus preços. Se os preços do café verde se mantiverem altos por um largo período, os preços do café a varejo e por atacado serão reajustados num nível mais alto. Calcula-se que o total dos estoques de café nos Estados Unidos, no dia 30 de Junho, era de 1.750.000 sacas, nessa época do ano.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira, antes da notícia da geada no Brasil, os preços baixaram de 10 a 34 pontos no Contrato S/B, com 105 lotes vendidos. O Contrato M fechou com ganhos de 10 pontos e perdas de 20 pontos, em 18 lotes vendidos. Na segunda-feira, tôdas as posições abriram com o aumento-limite de 200 pontos, no Contrato S/B, em 169 lotes negociados. No Contrato M, foram negociados 12 lotes. No fim do dia, houve um recorde na procura — 1.435 lotes no Contrato S/B e 102 lotes no Contrato M. Na têrça-feira, o mercado abriu com o aumento-limite de 200 pontos, negociando-se apenas 81 lotes no Contrato S/B e

21 lotes no Contrato M. A procura foi ainda maior do que a registrada na segunda-feira, com compradores para 1.954 lotes no Contrato S/B e 239 lotes no Contrato M. A maior procura se concentrou nas posições de Dezembro e Março, no Contrato S/B, e na posição de Setembro, no Contrato M. Na quarta-feira pela manhã. tanto os preços do Contrato S/B como os do Contrato M registraram aumentos máximos de 200 pontos, e essa situação continuou até a tarde, quando as posições próximas registraram baixas, em virtude da pressão das vendas. Ao fechamento, Setembro estava com 2 pontos apenas acima do fechamento da têrça-feira, ao passo que Dezembro registrava uma alta de 75 pontos. Tôdas as posições de 1956, no Contrato S/B, registraram aumentos de 200 pontos, mas só Maio e Julho estavam em procura: 131 lotes para o primeiro e 139 para o segundo. Na quinta-feira, depois das notícias sôbre a extensão dos dados causados pela geada no Brasil, os preços abriram com baixas de 52 a 120 pontos e altas de 20 a 190 pontos, no Contrato S/B, e com baixas de 70 a 200 pontos no Contrato M. Ao fechamento, os preços no Contrato S/B estavam com altas de 2 a 200 pontos, em 563 lotes vendidos, e no Contrato M entre inalterados e 200 pontos acima, com 12 lotes vendidos. Na semana que terminou na quinta-feira, foi de 1.691 o total dos lotes negociados.

Mercado de físicos: Os compradores, com as notícias da geada, decidiram aguardar informações mais detalhadas para fazer suas compras. No comêço da semana, os colombianos disponíveis, sôbre a água e de pronto embarque, todos com 64 cents, aproximadamente. Na quarta-feira, os Santos 4 foram cotados a 57 cents, e os Santos 4 FOB e os esperados no domingo com 54,25 cents. Na quarta-feira, os colombianos foram vendidos a 64 cents e os embarques de Agosto a 63 cents. Na quinta-feira, os Santos 4 foram vendidos a cents e os colombianos a cents.

Última hora: Os preços, na abertura do mercado, esta manhã foram os seguintes: No Contrato S/B, entre 16 e 44 abaixo.

No Contrato M, entre inalterados e 125 abaixo.

O número de lotes dependendo de entrega foi de 2,656 no Contrato S/B, e de 306 no Contrato M. Na sexta-feira passada, foi respectivamente de 2.729 e 337.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas	*Destinos Principais*			
	terminadas em:	*U. S.*	EUROPA	OUTROS	*TOTAL*
BRASIL(*)	30-7-55	100,000	97.000	22,000	219,000
	23-7-55	137,000	40,000	19,000	196,000
	31-7-54	82,000	18,000	31,000	131,000
COLÔMBIA(")	30-7-55	145,365	21,706	3,312	170,383
	23-7-55	43,596	31,774	1,904	77,274
	31-7-54	106,478	15,509	2,105	124,092

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas	*Países de origem*			
terminadas em:	*BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
30-7-55	34,812	151,710	42,941	229,463
23-7-55	25,126	142,998	42,851	210,975
31-7-54	208.517	308,805	157.466	674.788

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	*30-7-55*	*23-7-55*	*31-7-54*
BRASIL (*)	Santos	1,772,000	1,765,000	2,367,000
	Rio	763,000	774,000	269,000
	Vitória	217,000	207,000	31,000
	Paranaguá	377,000 (°)	226,000 (%)	425,000 (&)
	Pernambuco	10,000	11,000	11,000
	Bahia	16,000	17,000	20,000
	Angra dos Reis	13,000	12,000	17,000
	TOTAL	3,168,000	3,012,000	3,140,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	25,826	21,171	94,370
	Cartagena	28,240	24,416	23,546
	Buenaventura	122,212	134,587	152,381
	Cúcuta	168,022	185,271	27,676
	TOTAL	344,300	365,445	297,973

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(°) 351,000 livre e 26,000 retidos.
(%) 212,000 livre e 14,000 retidos.
(&) 406,000 livre e 19,000 retidos.

NOTÍCIAS GERAIS SÔBRE O CAFÉ

Importações do café solúvel: Em carta dirigida ao Sr. George Harrison, presidente interino de um grupo de fabricantes de café solúvel, que recentemente sugeriu que se impusesse um embargo às importações de café solúvel nos Estados Unidos, o Sr Edward G. Cale, do Departamento de Estado, observou que, antes de se chegar a um acôrdo sôbre qualquer medida de restrição nêsse sentido, os porta-vozes da indústria interessada terão que responder a várias questões sôbre o caso. O Departamento de Estado, acrescentou o Sr. Cale, terá também que considerar o provável efeito que tal medida de restrição poderá ter nas relações entre os Estados Unidos e os governos dos países produtores de café bem como os interêsses dos demais grupos comerciais fora da indústria do café, tais como os do comércio de exportação e as companhias norte-americanas com investimentos nos países produtores de café.

"Alega-se frequentemente nos países sub-desenvolvidos", declara o Sr. Cale, "que os Estados Unidos só têm interêsse por êsses países como fonte de matérias primas e como mercado para os produtos manufaturados norte-americanos. Qualquer medida que tomarmos que possa confirmar essa alegação terá uma relação direta na continuação da coooperação estreita que, a muitos respeitos, o govêrno dos Estados Unidos espera dos governos dos países afetados pela referida medida." O Sr. Cale chamou a atenção para o fato de que a política exterior dos Estados Unidos é a de manter as restrições no mínimo possível, uma vez

que a exportação norte-americana se acha constantemente ameaçada pela criação de barreiras tarifárias ou pela imposição de restrições de quantidade nos países estrangeiros. Assim sendo, diz o Sr. Cale, as medidas de restrição impostas pelos Estados Unidos poderão ter um efeito contraproducente, razão pela qual os Estados Unidos têm sempre sido contrários com propósitos de protecionismo. O Sr. Cale mencionou também o fato de que o Acôrdo Geral sôbre Tarifas e Comércio, de que os Estados Unidos são signatários, contém um dispositivo de proibição geral das medidas de restrição quantitativas. "Embora tal proibição geral esteja sujeita a algumas exceções," concluiu o Sr. Cale, "a restrição ou a proibição das importações de café solúvel seria, para todos os efeitos, uma violação das obrigações do govêrno dos Estados Unidos em relação a muitos dos países produtores de café".

O café nas Filipinas: O Congresso da República das Filipinas aprovou recentemente uma lei segundo a qual o Conselho Nacional de Agricultura daquele país poderá levar adiante o seu programa de incremento da produção de cacau e de café. A referida lei estabelece o gasto de uma verba de cento e oitenta mil pesos (cêrca de $90.000) do Tesouro Nacional para o financiamento da aquisição de mudas e de sementes de café e de cacau para distribuição entre os plantadores, os quais pagarão apenas os preços do custo. Os resultados da venda de tais sementes e mudas constituirá um fundo especial denominado Fundo para Desenvolvimento do Café e do Cacau, o qual ficará à disposição do Diretor da Indústria das Plantas. A verba em questão representa a contribuição do govêrno das Filipinas no ano fiscal de 1956, nos esforços conjuntos feitos com os Estados Unidos para o melhoramento da produção nacional. Essa tarefa conjunta foi iniciada em Março de 1955, e durante o resto do ano fiscal de 1955 os Estados Unidos contribuiram, através da Administração de Cooperação Internacional (antiga FOA), com $45.000. As Filipinas contribuiram com $33,270. A começar do ano fiscal de 1956, a contribuição dos Estados Unidos será de 20.000.

O projeto do café e do cacau têm dois objetivos principais: 1) tornar as Filipinas auto suficientes quanto às suas necessidades dêsses dois produtos e 2) estabelecer as bases para a futura exportação dêsses produtos. Na tarefa conjunta, serão utilizados o pessoal e os equipamentos necessários, com os seguintes fins: a) intensificar as pesquisas relacionadas com a obtenção das variedades mais satisfatórias de café e de cacau, com os meios mais eficientes de contrôle das enfermidades e das pestes, e com os métodos de colheita e de tratamento dos produtos; b) realizar um programa intensivo mediante o qual as informações mais recentes poderão ser fornecidas aos produtores de café e de cacau; c) aumentar os suprimentos de mudas e de sementes das variedades aprovadas, para distribuição entre os produtores, logo que seja possível.

(G. G. Paton & Co. — 29 de Julho de 1955)

N.º 944 SITUAÇÃO ECONÔMICA 11 de agosto de 1955

O Departamento do Comércio e o Departamento do Trabalho dos Estados Unidos acabam de dar à publicidade um relatório conjunto, em que são analisadas as condições presentes da economia norte-americana e estudadas as perspectivas futuras, tanto da parte restante do ano corrente como do ano de 1956.

Segundo o dito relatório, cêrca de 65 milhões de pessôas tinham emprêgos remunerados no mês de Julho próximo passado — o que constitui um novo recorde na vida do país — e, a julgar-se pela situação atual, o poder aquisitivo dos consumidores e o volume do consumo continuarão em altos níveis durante todo o ano de 1956. O aumento observado na estatística das pessôas empregadas, no transcurso dos últimos cinco meses, sòmente foi igualado no passado no período de após-guerra, quando se realizou, a partir de 1946, a reconversão da indústria — da produção de guerra para a produção de paz. Em Julho passado, a média da semana de trabalho baixou para 40 horas e 18 minutos, e a média dos salários foi de $75.76 por semana. Outro recorde se registrou em Julho, com o aumento, para $1.88, do salário médio por hora.

Os consumidores norte-americanos não dão sinais de diminuir o volume das suas compras, em todos os gêneros de produtos, de acôrdo com outro relatório recém-publicado — de um estudo levado a efeito pelo Centro de Pesquisas da Universidade de Michigan. Êsse estudo é realizado duas vezes por ano pelo referido Centro, nos intervalos dos inquéritos mais amplos e mais completos, também sôbre as finanças e probabilidades de compras dos consumidores, que são feitos anualmente para a Junta da Reserva Federal. Tôdas as indicações, no mencionado estudo, são de que os consumidores se acham mais dispostos e intensificar as suas compras, em comparação com o estudo análogo da mesma época no ano passado. Os consumidores manifestaram suas intenções de adquirir mercadorias duráveis — automóveis, casas, aparelhos domésticos, etc. —, mais ou menos tanto quanto no estudo do ano passado, nesta época, mas as expectativas manifestadas pelos consumidores são mais favoráveis, agora, em relação às condições econômicas do país nos próximos doze meses. Cêrca de 72% dos consumidores acham agora que as condições econômicas serão melhores, ao passo que no ano passado apenas 54% eram de tal opinião. O estudo atual mostra outras diferenças também, quanto a opinião dos consumidores sôbre períodos mais longos. 42% dos consumidores acham que essas condições favoráveis da economia nacional se manterão nos seguintes cinco anos, ao passo que só 30% eram da mesma opinião, no outono passado. É maior o número das pessôas que também julgam a época atual propícia para a aquisição de artigos importantes para os lares, e apenas se verifica um ligeiro aumento no número das pessôas que agora esperam aumentos nos preços das mercadorias.

Essas informações são importantes para a indústria do café, pelo fato de que, com o aumento do número de pessoas empregadas e da receita individual, com a confiança do público na situação econômica do país, e com os preços do café em níveis razoáveis, o momento parece propício ao incremento da propaganda do café.

No mercado de Valores, os preços das ações baixaram esta semana, em consequência dos juros mais altos e da preocupação das autoridades federais a respeito do rápido aumento das compras dos consumidores feitas a crédito. Desde a quinta-feira passada, quando se anunciou o aumento do juro de redesconto no Banco da Reserva Federal, o mercado têm geralmente declinado. As baixas maiores se verificaram com as ações das emprêsas fabricantes de automóveis e de grandes firmas industriais, especialmente as da General Motors, da Chrysler e de companhias produtoras de aço.

No primeiro semestre do ano corrente, as exportações dos Estados Unidos passaram um pouco de 7.0000.000.000 o que representa um aumento de 10% em

relação ao primeiro semestre de 1954, em que o total das exportações foi de .... $6.400.000.000. Incluindo-se, porém, os artigos militares e os produtos duráveis, observa-se um declínio ligeiro, neste primeiro semestre. As exportações de trigo e de outros cereais contribuiram muito para o aumento observado durante o mês de Junho, no qual também aumentaram as exportações de produtos de latícinios, ao passo que diminuiram as exportações de maquinismos, de veículos e de metais.

MERCADO DO CAFÉ

Esta semana, os preços baixaram novamente ao nível em que se achavam antes da geada no Brasil, em consequência do fato de terem os comerciantes reconsiderado a situação da oferta e da procura em Nova York e em consequência da publicação do acôrdo a que chegaram, no Rio de Janeiro, os Ministros da Fazenda do Brasil e da Colômbia sôbre o café. Na segunda-feira, os dois Ministros anunciaram que a geada do Paraná causou tão grandes danos que agora a posição estatística se acha em equilíbrio. Declararam, também, que no futuro será necessário levar a efeito medidas de contrôle, através de um Bureau Internacional do Café e que deverão continuar os estudos para a organização de tal entidade. Na quarta-feira, o Ministro Carlos Villaveces da Colômbia anunciou aos jornalistas que os brasileiros e os colombianos "marcham juntos" na sua política do café e predisse que haveria estabilidade no mercado nos dois anos próximos. Os preços baixaram então no mercado em tôdas as posições e aparentemente os compradores voltaram aos sistema anterior de adquirir café ùnicamente para as necessidades imediatas. Essa atitude dos compradores provàvelmente continuará até que os preços do café mostrem tendências de estabilidade relativa ou até que indiquem uma tendência definitiva de alta.

No Mercado a Têrmo, continuou na sexta-feira passada o reajustamento dos preços, os quais haviam subido com as primeiras notícias da geada. Essa baixa foi devida principalmente às vendas para realização de lucros e a possibilidade de perdas. Os preços no Contrato S/B melhoraram de certo modo, mas ao fechamento, com 320 lotes vendidos, tinham baixas de 120 a 182 pontos. No Contrato M, com apenas 9 lotes vendidos, os preços fecharam com baixas de 95 a 176 pontos. As vendas contra a possibilidade de perdas continuaram na segunda-feira, até que os preços voltaram a melhorar. O Contrato S/B fechou com 70 pontos acima e 16 pontos abaixo, em 232 lotes vendidos, ao passo que o Contrato M fechou com 60 pontos acima e 60 pontos abaixo, em 23 lotes négociados. Na têrça-feira, houve a princípio ganhos até de 65 pontos, mas ao fechamento a posição de Setembro estava com 110 pontos abaixo e as demais posições entre 48 e 23 pontos abaixo, no Contrato S/B. O volume das transações foi grande, com 454 lotes vendidos. No Contrato M, os preços baixaram de 30 a 5 pontos, em 48 lotes negociados. Na quarta-feira, tôdas as posições perderam. O Contrato S/B fechou com baixas de 145 a 180 pontos, num volume de 419 lotes negociados, ao passo que o Contrato M teve baixas de 125 a 185 pontos, em 32 lotes vendidos. Ontem, quinta-feira, o mercado abriu com baixas de 35 a 67 pontos, mostrando-se variável através do dia, e fechou com 25 pontos acima e 21 pontos abaixo no Contrato S/B, em 367 lotes negociados. As duas posições imediatas tiveram ganhos. O Contrato M fechou com preços entre inalterados e 100 pontos abaixo, com apenas 12 lotes vendidos.

Na semana que terminou ontem, foram negociados 1.916 lotes, ao passo que na semana anterior foram negociados 1.691 lotes. Os preços no Contrato S/B ao fechamento de ontem tinham baixas de 300 a 395 pontos em comparação com os preços ao fechamento da quinta-feira passada. Todavia, em comparação com os preços da quinta-feira anterior, antes do anúncio da geada, os de ontem estavam com altas de 45 a 300 pontos.

No Mercado de Físicos, os preços estiveram fracos, mostrando mais firmeza nos cafés disponíveis e nos cafés de entrega imediata. Os preços dos cafés brasileiros e dos colombianos baixaram. Ontem, quinta-feira, os Santos 4 flutuaram entre 54 e 55 cents, e os colombianos entre 61.50 e 62 cents.

Última Hora: Esta manhã, o mercado abriu com 30 pontos abaixo na posição de Setembro e com altas de 5 a 60 pontos nas demais posições, no Contrato S/B, e com preços entre inalterados e 25 pontos acima, no Contrato M. No Contrato S/B, havia 2.740 lotes dependendo de entrega, ao passo que na sexta-feira passada pela manhã havia 2.656. No Contrato M, havia esta manhã 325, ao passo que na sexta-feira passada havia 360 lotes.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas		*Destinos Principais*		
	terminadas em:	*U.S.*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL(*)	6-8-55	116,000	62,000	28,000	206,000
	30-7-55	100,000	97,000	22,000	219,000
	7-8-54	48,000	76,000	13,000	137,000
COLÔMBIA(")	6-8-55	110,300	17,367	2,613	130,280
	30-7-55	145,365	21,706	3,312	170,383
	7-8-54	79,141	5,228	699	85,068

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

	Semanas		*Países de origem*		
	terminadas em:	*BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
	6-8-55				
	30-7-55	34,812	151,710	42,941	229,463
	7-8-54	210,651	316,747	157,563	684,961

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
BRASIL(*)	Santos	*6-8-55*	*30-7-55*	*7-8-54*
	Portos	768,000	763,000	278,000
	Rio	1,840,000	1,772,000	2,383,000
	Vitória	226,000	217,000	20,000
	Paranaguá	581,000(°)	377,000(%)	446,000(&)
	Pernambuco	9,000	10,000	10,000
	Bahia	15,000	16,000	18,000
	Angra dos Reis	15,000	13,000	18,000
	TOTAL	3,454,000	3,168,000	3,173,000

COLÔMBIA (")	Barranquilla	21,121	25,826	80,948
	Cartagena	44,659	28,240	22,503
	Buenaventura	111,118	122,212	180,347
	Cúcuta	183,126	168,022	27,676
	TOTAL	360,024	344,300	311,474

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(°) 544,000 livre e 37,000 retidos.
(%) 351,000 livre e 26,000 retidos.
(&) 430,000 livre e 16,000 retidos.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

Foram publicados ontem na imprensa norte-americana os detalhes do acôrdo realizado entre o Brasil e a Colômbia, que transcrevemos a seguir:

"1) As conversações havidas entre os Ministros da Fazenda do Brasil e da Colômbia se desenvolveram de forma rápida e proveitosa, tendo os dois ministros chegado a um acôrdo completo em todos os pontos discutidos sôbre a situação do café.

2) Os Ministros concordaram sôbre os efeitos da geada no Paraná, achando que a situação estatística do café se equilibrou de maneira desastrosa.

3) Os Ministros concordaram que, no caso de que a situação estatística do café venha a se modificar em futuro próximo ou remoto no mercado mundial, deverá ser estudado o estabelecimento de uma quota de equilíbrio proporcional à produção de cada país, tornando-se a quota efetiva através de um limite de exportação de cada país produtor, limite êsse fixado de comum acôrdo.

4) Os Ministros se mostraram favoráveis à continuação dos estudos, entre a Colômbia, o Brasil e os países da FEDECAME, para a fundação, num dos países produtores, de um Bureau Internacional do Café, tomando-se em consideração o relatório que está sendo elaborado pela Comissão Especial do Café, do Conselho Econômico e Social da Organização dos Estados Americanos, segundo a incumbência que lhe foi dada na Conferência de Quitandinha.

5) Dentro de um sistema de mútua cooperação, a Federación Nacional de Cafeteros e o Instituto Brasileiro do Café deverão manter um intercâmbio de informações sôbre estatísticas, produção, exportação, leis e regulamentos, e para tal fim cada qual terá junto do outro um representante acreditado, como elemento de ligação.

6) Os Ministros concordaram que é necessário incrementar o consumo do café, devendo-se prosseguir com a propaganda do produto através do Bureau Pan-Americano do Café nos Estados Unidos e no Canadá, bem como na Europa e no resto do mundo, através de agências especializadas, e para isso deverão

ser tomadas as medidas indicadas para que colaborem nessa propaganda os demais países interessados.

7) Os Ministros concordaram que seria de grande conveniência, num acôrdo internacional do café, não só a participação sempre preciosa dos países da América Latina, muitos dêles afiliados à FEDECAME, mas também a participação dos produtores coloniais, e por essa razão decidiram que seriam enviados observadores à conferência que os produtores africanos deverão realizar em Bruxelas, no mês de Setembro próximo.

8) Os Ministros também concordaram que, para a estabilidade futura do mercado do café, é necessário o seguinte:

a) garantir aos produtores um financiamento suficiente, regulando-se adequadamente os respectivos embarques para o exterior;

b) não estimular a produção da "cinta" ecológica do café;

c) reduzir os direitos de impostos que gravem, de qualquer forma, as importações de café; e

d) aumentar as quotas de câmbio para as importações de café nos países que adotem tal sistema de quotas.

9) Os Ministros afirmaram suas intenções de manter os mercados de consumo abastecidos, para que se mantenha por sua vez a estabilidade do mercado do café, o que interessa tanto os produtores como os consumidores."

O acôrdo foi assinado pelo Ministro Whitaker do Brasil e pelo Ministro Villaveces da Colômbia.

O café em Haiti: Segundo informações de fontes oficiais dos Estados Unidos, os produtores de café de Haiti estão convencidos da necessidade de se melhorarem as variedades dos cafeeiros, os métodos de cultivo e os processos de colheita e de beneficiamento do produto. Segundo certos observadores, Haiti pode produzir cêrca de 100 milhões de libras de café por ano, o que corresponde o dôbro da produção atual. A altitude, na maioria das áreas cultiváveis de Haiti, é ideal para uma produção de primeira qualidade. As propriedades são pequenas, em geral, o que dificulta a adoção de métodos padronizados. Têm sido conseguido algum progresso, entretanto, no melhoramento da produção, graças à distribuição de sementes feita pelo Departamento de Agricultura de Haiti e ao auxílio fornecido pelos Estados Unidos através da Administração de Cooperação Internacional, que contribui em 1955 com a verba de .. $25.000 para a continuação dêsse programa de fomento agrícola em Haiti.

(G. G. Paton & Co. 4/Agosto/1955)

N.º 945 SITUAÇÃO ECONÔMICA 19 de agosto de 1955

Os relatórios oficiais, dados à publicidade por várias entidades governamentais, informam que a produção nacional continua aumentando, com recordes registrados em muitos setores da economia, advertindo as autoridades, ao mesmo

tempo, que é preciso ter cautela contra o excesso de confiança e contra a possibilidade de especulações infundadas. Segundo uma repartição do Departamento do Comércio (Office of Business Economics), em informação divulgada esta semana, a média anual da produção total de mercadorias e serviços no segundo trimestre do ano corrente foi de $385.000.000.000, o que representa um aumento de 4% em relação ao máximo observado anteriormente, na primavera do ano de 1953. (Em têrmos de volume físico, a cifra mencionada representa apenas 2% de aumento, em relação a 1953). Comparando-se o segundo trimestre de 1955 com o mesmo período de 1954, a diferença é de 7 1/2%, a favor do ano corrente. Um dos fatores principais do aumento dêste ano foi o aumento também dos investimentos particulares, especialmente no que se refere aos gastos feitos com usinas e equipamentos industriais, o que é considerado geralmente como um indício de confiança dos dirigentes dos negócios, bem como um indício de que a produção continuará em alto nível até o ano de 1956. Os inventários se tornaram maiores ràpidamente durante o segundo trimestre de 1955, ao passo que no primeiro trimestre houve apenas uma ligeira diferença favorável. No segundo trimestre de 1954, houve, ao contrário, uma redução nos inventários. As despesas dos consumidores individuais têm incrementado, batendo recordes, incrementos êsses verificados principalmente nos artigos de consumo imediato, nos alimentos básicos e nas roupas, bem como nos serviços. A compra de artigos duráveis cresceu, durante o segundo trimestre, de maneira moderada, segundo o grande aumento na compra de autos, móveis e aparelhos de uso doméstico, que se observou no primeiro trimestre do ano. A receita individual alcançou novos recordes no segundo trimestre, com 5% acima do primeiro trimestre, incluindo-se nessa categoria os salários pagos pelas emprêsas particulares e os ordenados pagos pelo govêrno (foi aumentado o sôldo dos militares, nêste trimestre), que constituiram o maior fator no aumento observado. O Federal Reserve Board, por sua vez, informa que a produção nacional de Julho alcançou novos níveis, elevando mais uma vez o índice oficial, o qual desde Maio passado vêm registrando recordes consecutivos. O fato é digno de nota, porque geralmente no verão se espera sempre um declínio típico da temporada. O Federal Reserve informa que aumentou o número das pessoas empregadas, no mês de Julho. Também informa que em Julho a produção de artigos industriais duráveis foi a que mais se destacou, especialmente a produção de artigos de uso doméstico e, em segundo lugar, a de automóveis, continuando a produção de maquinismos agrícolas no mesmo nível de Junho. A produção de artigos para construção continua registrando ganhos moderados, e na sua maioria os artigos de consumo imediato premaneceram nos mesmo níveis de Junho.

No Mercado de Valores, durante esta semana, observou-se uma tendência evidente de falta de firmeza nos preços das ações. Esporàdicamente, certos grupos de ações ou certas ações isoladamente registraram ganhos, mas, de maneira geral, o movimento do mercado foi de declínio. Na segunda-feira, o número de transações realizadas na Bôlsa de Nova York chegou ao nível mais baixo observado desde o mês de Janeiro de 1954. As vendas, na segunda-feira, foram apenas de 1.200.000 ações, ao passo que no dia 7 de Julho passado foram vendidas 3.200.000 ações, sendo êsse o máximo até então observado. Em geral os preços baixaram, não se produzindo uma reação forte favorável sôbre os mesmos relatórios financeiros publicados pelas companhias que apresentaram recordes de dividendo e de lucros.

EXPORTAÇÃO DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas		*Destinos Principais*		
	terminadas ems	*U. S.*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	13-8-55	138,000	54,000	14,000	206,000
	6-8-55	116,000	62,000	28,000	206,000
	14-8-54	29,000	66,000	35,000	130,000
COLÔMBIA (")	13-8-55	77,061	33.077	409	110,547
	6-8-55	110,300	17,367	2,613	130,280
	14-8-54	112,603	13,032	292	125,927
	Ano				
BRASIL (*)	Julho 1955 (&)	497,000	347,000	99,000	943,000
	Junho 1955	829,000	388,000	139.000	1,356,000
	Julho 1954	266,000	219,000	114,000	599,000
COLÔMBIA (")	Julho 1955 (&)	422,074	119,079	15,075	556,228
	Junho 1955	386,511	104,740	5,938	497,189
	Julho 1954	517,198	63,062	10,465	590,725

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas	*Países de origem*			
terminadas em:	*BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
13-8-55				
6-8-55	29,450	159,016	41,794	230,260
14-8-54	213,605	326,977	156,308	696,890

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	*13-8-55*	*6-8-55*	*14-8-54*
BRASIL (*)	Santos	1,935,000	1,840,000	2,392,000
	Rio	815.000	768,000	314,000
	Vitória	253,000	226,000	21,000
	Paranaguá	696,000 (°)	581,000 (%)	469,000 (")
	Pernambuco	13,000	9,000	11,000
	Bahia	14,000	15,000	20,000
	Angra dos Reis	22,000	15,000	21,000
	TOTAL	3,748,000	3,454,000	3,248,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	26.674	21,121	54,393
	Cartagena	47,509	44,659	21,814
	Buenaventura	123,864	111,118	179,324
	Cúcuta	182,362	183,126	30,009
	TOTAL	380,409	360,024	285,540

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(&) Data preliminar.
(°) 565,000 livre e 131,000 retidos.
(%) 544,000 livre e 37,000 retidos.
(") 462,000 livre e 7,000 retidos.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

Do jornal "Southern California Grocers Journal", publicado em Los Angeles, California, transcrevemos abaixo o editorial em que êsse órgão do comércio californiano trata da situação mundial do café — antes da notícia da geada no Brasil. O editorial indica a importância que o comércio do café nos Estados Unidos dá à manutenção da oferta e da procura em constante equilíbrio, não só para o benefício dos comerciantes dos países consumidores como também para o bem estar dos países produtores:

"Em seu relatório de Julho do ano passado, a Comissão de Comércio Federal apresentou as seguintes estimativas da produção mundial do café, de 1954/55 a 1957/58, as quais indicam um aumento rápido dessa produção (em milhões de sacas):

Ano	Brasil	Colômbia	Outros países da América	África	Ásia e Oceania	Produção mundial
1954/55	18,0	7,1	9,2	5,5	2,3	42,1
1955/56	21,0	7,3	8,7	6,6	2,4	46,0
1956/57	22,0	7,6	9,6	7,3	2,5	49,0
1957/58	25,0	7,8	9,1	7,6	2,5	52,0

Está também sendo levado a efeito um estudo da produção e do consumo mundial do café durante os próximos anos pelo pessoal do Sub Comitê da Comissão Especial do Café, do Conselho Inter-americano Econômico e Social da Organização de Estados Americanos, de acôrdo com a Resolução 34 aprovada em 1 de Dezembro de 1954, no Rio de Janeiro. Os resultados dêsse estudo não serão conhecidos ainda por muitos meses. Segundo a estimativa fornecida pelo Serviço de Agricultura no Estrangeiro, em Dezembro passado, a produção mundial de café no ano agrícola de 1954/55 será de 300.000 sacas inferior à estimativa apresentada na tabela acima. Se a produção do Brasil fôr menor do que a esperada em estimativas anteriores, a produção mundial poderá ser de 300.000 sacas inferior à da tabela acima, mas a opinião geral é de que a produção mundial aumentará ràpidamente, a partir da safra vindoura. O referido Serviço de Agricultura no Estrangeiro observa que a temporada de 1954/55 deverá ser a última em que haverá no mercado mundial um equilíbrio aproximado entre a produção e o consumo do café. O mesmo Serviço estima que a produção do Brasil para a safra de 1955/56, com 17.000.000 de sacas já registradas, dará para a exportação cêrca de 16.200.000 sacas, uma vez descontadas as 800.000 sacas do consumo interno. A produção exportável do Brasil, de acôrdo com o IBC, para a atual safra, será de 12,700.000 a 13.200.000 sacas, ao passo que será, de acôrdo com o Serviço de Agricultura no Estrangeiro, de 14.100.000 sacas. Tomando-se como base as cifras anteriores, o aumento do café exportável no estrangeiro, em 1955/56, em relação a 1954/55, seria de 3 a 31/2 milhões de sacas, e tomando-se como base as cifras últimamente citadas o aumento será de .. 2.100.000 sacas. No primeiro caso, cêrca de 50% do aumento estimado no total do café mundial exportável será fornecido pelo Brasil, ao passo que no segundo caso a contribuição do Brasil será de 75 a 87,5%, na safra seguinte.

O aumento antecipado nos abastecimentos mundiais de café, durante os anos próximos, sem um aumento proporcional no consumo, é uma questão de grave preocupação para todos os países que negociam com o café, especialmente os países do Hemisfério Ocidental. Um ajustamento severo dos preços, em níveis baixos, em virtude dos aumentos dos abastecimentos disponíveis no mercado mundial, num período curto de tempo, representará uma séria diminuição na receita de divisas estrangeiras para os países produtores de café, e, na ausência de recursos adequados de créditos, uma diminuição correspondente do volume das exportações dêsses países produtores de café e, consequentemente, com a falta de divisas que tais exportações provêm, uma diminuição também da receita obtida pelos países consumidores de café com as suas exportações aos países produtores. Tal situação, se se agravar suficientemente, poderá ter repercussões nos assuntos econômicos, políticos e sociais dos países cuja vida econômica depende de maneira especial da produção e da venda do café no mercado mundial."

N.º 946 SITUAÇÃO ECONÔMICA 26 de agosto de 1955

Importância do comércio internacional na economia dos Estados Unidos: De acôrdo com um estudo recente do Departamento do Comércio sôbre a importância das exportações norte-americanas na economia dos Estados Unidos, os mercados estrangeiros consumiram em 1954 8,6% da produção total de mercadorias dos Estados Unidos e 4,2% do total da produção nacional de mercadorias e serviços. A quantidade de artigos exportados têm variado relativamente pouco, desde antes da última guerra, embora, em proporção, um pouco maior no período de após-guerra do que na década de 1930/40. Por outro lado, a relação entre as importações e a produção total têm declinado nos últimos anos e, a partir da Segunda Guerra Mundial, não chegou nunca ao máximo anual de 4,2% observado em 1929. Considerando-se 53% dos mais importantes artigos exportados pelos Estados Unidos em 1954, nota-se que em muitos casos foram exportados de 25 a 50% da produção total de certos artigos. O fato se observa particularmente no setor da agricultura, mas os países latino-americanos se destacam, com uma grande porcentagem na importação de maquinismos e de artigos manufaturados, no quadro geral das importações mundiais. No capítulo dos maquinismos, no referido estudo do Departamento do Comércio, as geladeiras representaram 10,8% do total, ao passo que as máquinas-instrumentos representaram 12,9% e as máquinas de "separação"" de produtos agrícolas 37,9%. Dos tratores exportados, 46,6% foram do tipo de discos e 31,7% de outros tipos. Da produção total de ônibus e de caminhões, 19,5% foram consumidos na exportação, e do total da produção de aviões civis 34,3% foram também exportados. Os produtos químicos por sua vez foram exportados em grande quantidade. Chamando a atenção para o fato de que os Estados Unidos precisam importar para poder exportar, o Federal Reserve Bank deu à publicidade esta semana um relatório sôbre a situação do intercâmbio comercial com os países da América Latina, indicando que as compras feitas por êstes em Julho foram menores do que as feitas em Junho. O fato foi atribuido principalmente à escassez de dólares em vários países produtores de café que, assim, não se acharam habilitados a importar mais mercadorias norte-americanas. A diminuição dos giros bancários referentes ao Brasil, à Colômbia, a

Cuba e à Venezuela foi compensada, de certo modo, pelo aumento dos giros bancários do México e de outros países, mas, como o total dos giros bancários pagos foi menor do que os novos giros bancários feitos, de fato aumentou o total das dívidas dos importadores latino-americanos aos exportadores norte-americanos. De Abril a Julho, consecutivamente, êsse aumento das dívidas dos importadores da América Latina aos exportadores dos Estados Unidos vêm sendo observado. De acôrdo com outro relatório, êste do U.S. Census Bureau, o declínio observado nas exportações latino-americanas é consequência, em grande parte, do declínio das exportações de alimentos, principalmente da exportação de café verde. Na opinião geral dos porta-vozes dos Bancos que concedem créditos de importação, o aumento das atividades do comércio do café durante o outono fará com que a quantidade de café importado em Outubro dêste ano passe de muito as importações de Outubro de 1954. Têm sido chamada a atenção para o fato de que se continuar a compra do café de maneira firme, até o fim do ano, os países produtores de café poderão aumentar a sua exportação.

Custo de vida: Segundo informes desta semana, há dois meses que vêm aumentando o custo de vida nos Estados Unidos. Embora o aumento observado seja pequeno, é essa a primeira vez, num largo período de tempo, que se nota um aumento em dois meses consecutivos. O aumento de Julho foi o maior de 1955, e maior desde 1954. O índice fornecido pelo govêrno tinha se mantido o mesmo ou diminuido, até o mês de Junho, quando se registrou um ligeiro aumento. Os preços dos alimentos e das frutas aumentaram em Julho, ligeiramente, ao passo que os preços das casas, da manutenção das casas, das despesas médicas e outras despesas de caráter pessoal alcançaram novos recordes. Segundo dados oficiais, o salário médio dos operários de fábrica alcançou um novo nível em Julho, embora de certo modo um pouco mais baixo do que em Maio e Junho, devido ao fato de que no verão diminui normalmente o número das horas de trabalho.

Mercado de valores: O mercado esteve um pouco mais desimpedido esta semana, mas ainda incerto até têrça-feira, quando as atividades aumentaram de maneira intensa. Os maiores ganhos se registraram nas ações das emprêsas ferroviárias principalmente. O volume das transações foi em geral diminuto, não se explicando a exceção observada na têrça-feira.

MERCADO DO CAFÉ

A falta de notícias esta semana dos países produtores de café fêz com que os preços subissem, tanto no mercado a têrmo como no mercado de físicos. Por outro lado, os torradores, em procura constante dos cafés da posição imediata e das posições próximas, contribuiram para que todos êsses cafés ganhassem em cotação. A razão básica de tudo isso é, naturalmente, o fato de que se acham em níveis extremamente baixos os abastecimentos do produto em todos os grandes centros de consumo. Segundo informações de fontes particulares, havia nos Estados Unidos, no fim do mês de Julho, apenas um suprimento suficiente para pouco mais de 50 dias de consumo, ao passo que na mesma época, em 1954 e 1953, os suprimentos eram, respectivamente, bastantes para o con-

sumo de 104 dias e 66 dias. Com a falta de notícias dos países produtores, o mercado a têrmo reagiu favoràvelmente, tendo os negociantes de café especulado anteriormente em relação a uma baixa dos preços, e os contratos de Setembro tiveram cotação mais alta. Hoje, sexta-feira, é o primeiro dia de aviso de entrega, e ao fechamento de ontem havia 513 lotes dependendo de entrega (128.250 sacas) no Contrato S/B e 105 lotes (26.250 sacas) no Contrato M. A procura dos cafés na praça se manteve intensa, mas com um número reduzido de transações realizadas. A procura dos torradores se concentrou especialmente nos cafés brasileiros e nos cafés suaves, na expectativa usual de incremento de consumo durante o próximo outono. Esta semana, as transações no mercado de físicos foram na maior parte de cafés prestes a chegar ou de cafés de embarque imediato. Greves esporádicas nas docas contribuiram também para que os preços do café subissem, e muitos compradores tiveram que se esforçar para adquirir suprimentos para suas necessidades imediatas. Durante a semana que terminou na quinta-feira, ontem, foram negociados 1.534 lotes, ao passo que no mesmo período anterior foram negociados 967 lotes. Os preços atuais no mercado de Nova York indicam um bônus de quase 8 cents a libra para os cafés colombianos em relação aos Santos 4. Em Março dêste ano, o bônus era de 1.32 cents apenas e têm aumentado continuadamente. O bônus em média, no ano de 1954, foi de 1,31 cents e de 1,89 cents em 1953.

Mercado a têrmo: Os preços subiram abruptamente na sexta-feira e a posição de Setembro fechou com 129 pontos acima no Contrato S/B e com altas de 25 a 20 pontos nas posições distantes. No Contrato M, os preços achavam ao fechamento entre inalterados e 60 pontos acima. Foram vendidos 410 lotes no Contrato S/B e 13 lotes no Contrato M. Na segunda-feira, a posição imediata do Contrato S chegou ao limite máximo, ao passo que as posições mais distantes do Contrato S/B fecharam com ganhos de 125 a 95 pontos. No Contrato M houve ganhos de 95 a 135 pontos. Foram negociados 223 lotes no Contrato S/M e 22 no Contrato M. Na têrça-feira, com as vendas para realização de lucros e as compras para coberturas de físicos, o Contrato S/M fechou com baixas de 50 a 68 pontos, em 263 lotes vendidos. A posição imediata do Contrato M manteve-se firme, fechando com ganhos de 10 pontos, ao passo que as posições distantes registraram perdas de 50 a 15 pontos, em 5 lotes negociados. Na quarta-feira, o Contrato S/B mostrou novamente firmeza, fechando com ganhos de 90 a 15 pontos, em 218 lotes vendidos. No Contrato M os preços fecharam com altas de 120 pontos e baixas de 15 pontos, em 46 lotes vendidos. Na quinta-feira, ontem, os preços fecharam no Contrato S/B entre inalterados e 37 pontos abaixo, com 291 lotes vendidos, ao passo que no Contrato M fecharam com ganhos de 60 pontos e baixas de 30 pontos, em 41 lotes negociados.

Mercado de físicos: No comêço da semana houve grande interêsse pelos cafés físicos, firmando-se os preços, com um certo aumento posteriormente durante a semana. Os Santos 4 foram cotados onte ma 56,50 cents e os colombianos a 65,25 cents.

Última hora: O mercado abriu esta manhã com preços entre inalterados e 30 pontos acima no Contrato S/B e com preços inalterados no Contrato M. Havia esta manhã 2.681 lotes dependendo de entrega no Contrato S/B e 349 lotes no Contrato M. Na sexta-feira passada havia, respectivamente, 2.778 e 322 lotes.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em	U. S.	Destinos Principais EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL (*)	20-8-55	176,000	89,000	26,000	291.000
	13-8-55	138,000	54,000	14.000	206.000
	21-8-54	13,000	86,000	15.000	114.000
COLÔMBIA (")	20-8-55	107,688	14,384	2.375	124,447
	13-8-55	77,061	33,077	409	110,547
	21-8-54	92,376	11.911	11.202	115.489

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	BRASIL	Países de origem COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
20-8-55	13,331	169,200	40,431	222,962
13-8-55	19,359	164,726	45,154	229.239
21-8-54	222,044	331,477	162,016	715,537

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 20-8-55	13-8-55	26-8-54
BRASIL (*)	Santos	2,021.000	1.935.000	2.439.000
	Rio	783,000	815,000	327,000
	Vitória	258.000	253,000	24.000
	Paranaguá	969.000 (°)	696.000 (%)	490.000 (&)
	Pernambuco	9,000	13,000	9.000
	Bahia	15,000	14,000	19,000
	Angra dos Reis	21,000	22.000	23,000
	TOTAL	4,076.000	3,748,000	3.331,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	28,114	26,674	87.316
	Cartagena	53.168	47.509	17,233
	Buenaventura	64,189	123.864	183,017
	Cúcuta	181,826	182,362	30,234
	TOTAL	327.297	380.409	317,800

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DO INTERIOR DE S. PAULO:

Ano	Junho 1955	Maio 1954	Julho 1954
1951-52	1,000	Not	1,000
1952-53	13,000	available	13,000
1954-55	15,000		---
	29,000		14,000

CAFÉS DESPACHADOS POR ESTRADAS DE FERRO:

Julho 1, 1954 e Junho 30, 1955 destinado para:

Santos	6.962.000
Rio	367,000
Angra dos Reis	7,000
Outros(")	558.000
TOTAL	7.894.000

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(º) 714,000 livre e 255 retidos.
(%) 565,000 livre e 131,000 retidos.
(&) 482.000 livre e 8,000 retidos.
(") Incluídos sacas do Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

NOTÍCIAS GERAIS SÔBRE O CAFÉ

Haiti, Port-au-Prince, 15/7/1955: São favoráveis as informações relativas à próxima safra de café (1955/56), estimando-se em 480.000 sacas de 60 quilos a produção exportável do país. Êsse total excede de 100.000 a estimativa anterior, dada à publicidade no dia 11 de Julho, na publicação Foreign Crops and Markets.

Cuba, Havana, 19/7/1955: A Associação de Cafeicultores de Cuba aumentou para 774.800 sacas a estimativa da safra de café de 1955/56, segundo informa o Sr. Chester E. Davis, Adido Agricultural da Embaixada dos Estados Unidos em Havana.

O consumo interno do café em Cuba, durante o período de 1 de Agosto de 1955 a 31 de Julho de 1956, será de umas 554.400 sacas, calculando-se a exportação dessa safra em 230.400 sacas, aproximadamente, o que constitui um total três vezes maior do que o da safra de 1954/55, de acôrdo com as licenças de exportação emitidas.

Cidade de Trujillo, República Dominicana, 21/7/1955: Calcula-se em .... 552.200 sacas o total da safra de café na República Dominicana em 1955/56 (em sacas de 132.276 libras). A estimativa foi de 460.000 sacas para a safra de 1954/55. Essas informações foram dadas pelo Sr. Foster Blackburn, representante do Serviço de Agricultura no Exterior, atualmente exercendo essas funções em Haiti e na República Dominicana. A estimativa anterior para as duas safras tinha sido, respectivamente, de 515.000 e 438.000 sacas. Informações anteriores indicavam que havia sido grande a floração dos cafèzais e que as expectativas eram de uma boa safra em 1955/56. O Sr. Blackburn informa também que o consumo de café no interior do país é bastante constante, cêrca de 108.000 sacas, podendo-se, assim, calcular em 444.200 sacas a safra de 1955/56 e em 352.000 sacas a safra do ano corrente.

Nova Caledônia, Noumea, 28/7/1955: Os dois tipos de café cultivados na Ilha de Nova Caledônia são o "Robusta", na área da costa oriental, e o

"Arabica", na área da costa ocidental. Acredita-se que a qualidade do produto tenha baixado muito durante os últimos anos, em consequência de terem sido abandonadas as plantações pelos seus donos brancos aos arrendatários javaneses ou melanésios. Apenas uns 3.300 sacos são consumidos no mercado interno, sendo a maior parte da produção exportada para a França. A produção do café "Arabica" aumentou de 8.417 sacas em 1953 para 8.700 em 1954, ao passo que a produção de "Robusta" aumentou de 19.667 para 22.267 sacas, durante o mesmo período.

Nicarágua, Manágua, 3/8/1955: É possível que a produção de café em Nicarágua, em 1955/56, seja inferior à da safra do ano agrícola corrente. As recentes chuvas de Maio vieram tarde e danificaram muitas plantações da costa ocidental do país, e os créditos fornecidos aos produtores de café pelo Banco Nacional êste ano, até 31 de Julho, constituem apenas a têrça-parte dos créditos fornecidos para o mesmo fim durante o ano passado.

Produção exportável do café — Revisões — 12/8/1955: Segundo dados fornecidos pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, como se vê pelos excertos apresentados acima, é possível revisar as estimativas relacionadas à produção mundial de café exportável, constantes da publicação Foreign Crops and Markets, como segue:

CAFÉ VERDE: Produção mundial exportável, em 1954/55 e em 1955/56.
(Em 1.000 sacas de 132,276 libras)

País ou continente	*Estimativas de 11 de Julho*		*Estimativas de 12 de Agosto*	
	1954/55	1955/56	1954/55	1955/56
Cuba	75	120	75	230
República Dominicana	348	425	352	444
Haiti	300	373	300	480
Nicarágua	271	290	369	290
Total na América do Norte	5.029	5.167	5.131	5.403
Total mundial	32.297	36.736	32.339	36.972

Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XX | São Paulo, 16 de Agôsto de 1955 | N.º 356

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO

SAFRA 1955/1956

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

ESTRADA DE FERRO	1.ª dezena JULHO	2.ª dezena JULHO	3.ª dezena JULHO	TOTAL
Santos a Jundiaí	4 226	2 156	5 483	11 865
Sorocabana	46 256	73 654	152 082	271 992
Paulista	166 023	230 774	430 522	827 319
Mogiana	36 974	61 967	100 092	199 033
Araraquara	55 601	99 359	155 145	310 105
Noroeste do Brasil	103 445	143 459	237 549	484 453
Central do Brasil	1 000	500	450	1 950
Rodoviário	430	632	—	1 062
TOTAL	413 955	612 501	1 081 323	2 107 779

NOTA: - Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributarias.

Café Paulista despachado com destino ao Rio de Janeiro

DESPACHADO	FERROVIÁRIO		RODOVIÁRIO	TOTAL
	Comum	Pref.	Comum	
1.ª dezena Julho	500	190	1 130	1 820
2.ª " "	—	1 111	3 965	5 076
3.ª " "	500	350	5 876	6 726
TOTAL	1 000	1 651	10 971	13 622

TOTAL DOS DESPACHOS DE CAFÉ PAULISTA POR SÉRIES, COM DESTINO AOS PORTOS

DEZENAS	COMUM	PREFERENCIAL	DESPOLPADO	TOTAL
1.ª Julho	400 715	13 687	1 373	415 775
2.ª "	582 860	33 602	1 115	617 577
3.ª "	1 028 715	58 965	369	1 088 049
TOTAL	2 012 290	106 254	2 857	2 121 401

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

DEZENAS	PARANÁ	MINAS GERAIS		GOIÁS	TOTAL
	Comum	Comum	Pref.	Comum	
1.ª Julho	3 533	6 269	2 850	797	13 449
2.ª "	17 094	16 852	6 656	2 529	43 131
3.ª "	x 15 945	x 38 135	25 438	x 1 341	80 859
TOTAL	36 572	61 256	34 944	4 667	137 439

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

SAFRA 1 954/1 955

(até 31 de Julho de 1955)

PAULISTA	DESPACHADO	LIBERADO	DEST. ALT. CANCELADO	A LIBERAR
Comum	6 954 356	6 950 592	3 764	—
Despolpado	7 604	7 604	—	—
TOTAL	6 961 960	6 958 196	3 764	—
OUTROS ESTADOS				
Paraná	122 137	122 137	—	—
Minas Gerais	305 554	305 554	—	—
Goiás	120 539	116 969	3 570	—
Mato Grosso	7 225	7 225	—	—
Espírito Santo	1 850	1 850	—	—
TOTAL	557 305	553 735	3 570	—

Destino Alterado — Rio de Janeiro	1 383	
" " — Capital	184	
Cancelado	1 698	
Anulado	499	
		3 764

MOVIMENTO DO CAFÉ PAULISTA DESTINADO A SANTOS

SAFRA 1 955/1 956

(até 31 de Julho de 55)

"DESPOLPADO"

DEZENAS	DESPACHADOS	LIBERADO	CONVERTIDO	A LIBERAR
1.ª Julho	1 373	1 195	178	—
2.ª "	1 115	133	—	982
3.ª "	369	—	—	369
TOTAL	2 857	1 328	178	1 351

"PREFERÊNCIAL"

DEZENAS	DESPACHADOS	LIBERADO	CONVERTIDO	A LIBERAR
1.ª Julho	13 497	2 969	4 519	6 009
2.ª "	32 491	169	91	32 231
3.ª "	58 615	—	—	58 615
TOTAL	104 603	3 138	4 610	96 855

"COMUM"

DEZENAS	DESPACHADO	CONVERTIDO	TOTAL	LIBERADO	A LIBERAR
1.ª Julho	399 085	4 697	403 782	250 530	153 252
2.ª "	578 895	91	578 986	7 902	571 084
3.ª "	1 022 339	—	1 022 339	—	1 022 339
TOTAL	2 000 319	4 788	2 005 107	258 432	1 746 675

OUTROS ESTADOS

PRODUTORES	DESPACHADO	CONVERTIDO	TOTAL	LIBERADO	A LIBERAR
Paraná	36 572	—	36 572	3 420	33 152
M. Gerais. {Comum .	61 256	+ 929	62 185	2 379	59 806
M. Gerais. {Pref ...	34 944	— 929	34 015	174	33 841
Goiás	4 667	—	4 667	—	4 667
TOTAL	137 439	—	137 439	5 973	131 466

NOTA: Entenda-se por "convertido" os cafés despachados como Preferencial ou Despolpado que não tenham alcançado os característicos exigidos pelo Regulamento de Embarques em vigor.

Exportação Brasileira de Café

AGÔSTO DE 1955

Sacas de 60 quilos

PORTOS DE EMBARQUES	QUANTIDADE EXPORTADA					TOTAL
	Estados Unidos	Outros países	TOTAL	Consumo de bordo	Cabotagem	
Santos	341 917	160 922	502 839	388	115	503 342
Rio de Janeiro	91 898	182 436	274 334	29	630	274 993
Paranaguá	159 199	24 030	183 229	3	2 700	185 932
Vitória	13 850	56 485	70 335	38	63 302	133 675
Angra dos Reis	27 850	—	27 850	—	—	27 850
Salvador	—	3 383	3 383	—	2 418	5 801
Recife	—	2 827	2 827	10	—	2 837
Total	634 714	430 083	1 064 797	468	69 165	1 134 430
Janeiro	376 770	406 980	783 750	424	30 155	814 329
Fevereiro	210 097	336 938	547 035	301	12 655	559 991
Março	474 045	407 441	881 486	475	22 390	904 351
Abril	632 734	350 257	982 991	370	37 802	1 021 163
Maio	296 016	379 029	675 045	437	49 460	724 942
Junho	830 813	489 629	1 320 442	433	40 577	1 361 452
Julho	497 868	455 681	953 549	333	36 195	990 077
Total	3 953 057	3 256 038	7 209 095	3 241	298 399	7 510 735

Obs. Embarcadas via ferroviária: Vitória 2.000 scs. e Recife 50 scs. via rodoviária: Vitória 15 scs. Recife 260 scs. e Salvador 440 scs. tôdas não computadas no total.

Cifras sujeitas a retificação.

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE AGÔSTO DE 1955

VIAS	PROCEDÊNCIAS									TOTAL
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Esp. Santo	Paraná	Bahia	Paraiba	Goiás	Pernambuco	
E. F. C. do Brasil	3.451	5.770	—	—	—	—	—	—		9.221
E. F. Leopoldina	—	17.031	2.733	15.040	—	—	—	—		34.804
Rodoviário	12.392	294.133	19.243	27.066	5.375	3.122	4.325	100	980	367.536
Cabotagem	—	—	—	—	—	500	—	—	—	500
Totais	**15.843**	**316.734**	**21.976**	**42.906**	**5.375**	**3.622**	**4.325**	**100**	**980**	**412.061**

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE AGÔSTO E SAFRA 1955/56

MESES	Entradas	Embarques
1955		
Julho	219.969	225.155
Agôsto	412.061	274.964

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE AGÔSTO DE 1 955

CONTINENTES:	PAÍSES	SACAS	
EUROPA	Alemanha	10.262	
	Áustria	2.710	
	Belgo-Luxemb. UE.	7.215	
	Dinamarca	1.213	
	Espanha	16.166	
	Finlandia	43.397	
	França	9.294	
	Grã-Bretanha	2.000	
	Grécia	3.233	
	Holanda	5.042	
	Islândia	1.000	
	Itália	1.761	
	Iugoslávia	3.333	
	Noruega	140	
	Polonia	1.333	
	Tchecoslováquia	5.015	**120.114**
AMÉRICA DO NORTE	Canadá	2.708	
	Est. Unidos	91.898	**94.606**
AMÉRICA DO SUL	Argentina	31.360	
	Chile	3.300	
	Uruguai	2.125	**36.785**
ÁFRICA	Argélia	63	
	Marrocos Francês	125	
	Moçambique	70	
	Sudoeste Africano	25	
	Tanger	125	
	União Sul Africana	4.202	**4.610**
ÁSIA	Chipre	1.038	
	Japão	200	
	Líbano	3.815	
	Síria	750	
	Turquia	12.416	**18.219**
	Total para o exterior		**274.334**
CABOTAGEM		630	**630**
	TOTAL GERAL		**274.964**

Cons. de bordo ..... **29 sacas.**

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1956/57

MÊS	ENTRADAS						Embarques	Despachos	Retirado do estoque	Encontrado a + na verif. do estoque	Existência
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Espírito Santo	TOTAL					
Julho	275 538	2 553	1 600	3 420	120	283 231	602 480	587 246	1 866	438	1 785 509
Agôsto	823 005	51 291	1 894	22 166	—	898 356	504 401	521 704	9 036	—	2 170 428

CAFÉS DISPONÍVEL NOS PORTÓS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

(Sacas de 60 quilos)

1955	SANTOS	R/JANEIRO	VITÓRIA		PARANAGUÁ	A/DOS REIS	RECIFE	TOTAL
Janeiro	1 796 045	247 292	150 800	2 650	247 935	13 236	20 584	2 479 542
Fevereiro	1 916 557	243 934	158 369	7 332	274 328	12 640	18 126	2 631 286
Março	1 866 863	94 626	160 388	8 259	176 843	6 205	18 316	2 331 500
Abril	1 809 453	60 178	162 846	8 677	176 765	835	16 126	2 234 880
Maio	2 224 920	639 125	205 482	22 569	129 522	10 161	11 797	3 243 576
Junho	2 106 624	756 901	258 627	13 401	90 732	3 291	10 636	3 240 212
Julho	1 785 509	729 521	(x) 274 462	6 152	350 745	2 804	9 741	3 158 934
Agôsto	2 170 428	846 031	319 969	4 278	718 575	2 757	14 441	4 076 479
Agôsto — 1954	2 495 804	352 034	85 300	7 348	497 257	6 239	9 136	3 453 118
" — 1953	1 945 635	272 713	91 597	9 430	637 306	—	8 444	2 965 125
" — 1952	1 705 616	283 226	31 388	9 043	337 571	8 695	6 313	2 381 852
" — 1951	1 373 970	418 616	64 044	10 602	369 157	18 921	10 710	2 266 020

IMPRIMIU:
INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA S/A
RUA AUGUSTA, 235 — SÃO PAULO
ENC. 5113

o melhor
CAFE
SANTOS